

# A GRAMÁTICA NOS CIRCUITOS INTELLECTUAIS PRÉ-MODERNOS: TRADUÇÃO (ACOMPANHADA DE NOTAS CRÍTICAS) E ANÁLISE DO ESCÓLIO *RICCARDIANUS GRAECUS 62* À *TÉKHNE GRAMMATIKÉ*, DE DIONÍSIO TRÁCIO

**Gissele Chapanski\***

 <https://orcid.org/0000-0003-1400-5622>

**Como citar este artigo:** CHAPANSKI, G. A Gramática nos circuitos intelectuais pré-modernos: tradução (acompanhada de notas críticas) e análise do escólio *Riccardianus graecus 62* à *Tékhne grammatiké*, de Dionísio Trácio. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-39, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETL18228>

**Submissão:** 11 de setembro de 2025. **Aceite:** 3 de outubro de 2025.

**Resumo:** Este ensaio propõe uma tradução comentada do escólio à *Tékhne grammatiké*, de Dionísio Trácio (códice *Riccardianus graecus 62*, descoberto por Claudio Meliadó em 2013), e analisa as concepções de gramática nele mobilizadas. Sob a perspectiva da historiografia linguística, o estudo recorre à tradição filosófica e linguística para examinar, de modo contextualizado, os valores e conceitos do texto. Defende-se que o manuscrito articula conteúdos intertextuais e paradigmas da Antiguidade greco-latina e da Idade Média para reposicionar hierarquicamente a gramática entre as disciplinas do saber, atribuindo-lhe os epítetos de “metrópole dos aprendizes” e “pequena filosofia”. Essas duas designações, que sintetizam a concepção da disciplina no escólio, constituem o foco central da presente análise.

**Palavras-chave:** Conceitos de gramática. Gramaticografia. *Tékhne grammatiké*. Escólios de Dionísio Trácio. Historiografia linguística.

\* Centro Universitário Santa Cruz de Curitiba (USC), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: [gisselechapanski@gmail.com](mailto:gisselechapanski@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

■ **A** *Tékhne grammatiké*, atribuída a Dionísio Trácio (ca. II a.C.), é comumente referenciada como obra fundante do gênero e da disciplina gramatical no Ocidente. Esse breve tratado constitui, de fato, o exemplar mais antigo de um modelo de atividade metalinguística duradouro, responsável por características ainda verificáveis na estrutura dos manuais contemporâneos de gramática. Contudo, a complexa história da formação e transmissão desse texto (Pagani 2010, 2011, entre outros) atesta que sua importância não se deve à simples reprodução linear e diacrônica do modelo de pensamento metalinguístico que representa. O valor historiográfico dessa primeira gramática dionisiana se estabelece, antes, por meio de uma malha complexa de relações entre textos, autores e períodos, na qual citações diretas de um provável original antigo fundem-se com exegeses posteriores do tema, consolidando conjuntos de noções e conceitos que, sob a égide da figura histórica de Dionísio Trácio, coadunarão diferentes aspectos historiográficos da Gramática, como disciplina do saber (Callipo, 2011; Swiggers, 2014, entre outros).

Os contextos culturais greco-latinos dos séculos II a.C a IV d.C. desenharam-se sob uma confluência de modelos epistemológicos que, em linhas gerais, leva a posicionar a tradição gramatical alexandrina na base da latina. Esta, por sua vez, será predominante na Europa Ocidental do medievo, sob os modelos de Donato e Prisciano. No entanto, a *Tékhne* dionisiana não deixa de operar como obra de referência, retomando, inclusive, certa centralidade nos estudos gramaticais do período pré-moderno. O reposicionamento não apenas da obra, mas também da disciplina gramatical como um todo, deve-se em muito ao movimento intelectual ocorrido mais a leste do continente europeu, nos circuitos intelectuais bizantinos, do século X ao XIV. Responsável por reinserir uma série de matérias e autores clássicos gregos nos cânones ocidentais, particularmente a partir do franco contato com o norte da Península Itálica, Bizâncio produziu então uma gama de comentários analíticos de obras antigas (Kaldellis, 2009), com finalidade filosófica, acadêmica e, muitas vezes, didática. Apesar de sua vasta tipologia, esses metatextos podem ser geralmente designados como *escólios* e, no caso da gramática, guardam significativas informações sobre as interpretações e os modos de aplicação dos conceitos e da própria disciplina (Robins, 1993; Mársico, 2010-2011).

Por meio da tradução, inédita em língua portuguesa e acompanhada por notas críticas, de um escólio à *Tékhne grammatiké*, de Dionísio Trácio, recentemente encontrado por Meliadò (2013) no códice *Riccardianus graecus 62*, o presente ensaio pretende viabilizar a observação de uma mudança no posicionamento da Gramática no esquema epistemológico pré-moderno. Trata-se de um fenômeno relevante, embora ainda pouco abordado na historiografia da disciplina: o redimensionamento dos valores e das funções conferidos a esse modelo de atividade metalinguística estará, por exemplo, implicado no notório papel político desempenhado pela disciplina gramatical ante a emergência dos vernáculos europeus (ca. séculos XIII a XVI, sobretudo).

Para tanto, a partir dos princípios metodológicos da historiografia linguística, será inicialmente fornecida uma análise da visão da Gramática (de seus conceitos, funções e práxis) consolidada em textos antigos, tardios e medievais emblemáticos a respeito do tema. O intuito aí é fornecer um panorama capaz de evidenciar

os aspectos contrastivos à tradição verificados no texto do escólio *Riccardianus*, traduzido e anotado na sequência. No mesmo sentido, tais notas e observações destinam-se, essencialmente, a prover elementos da historiografia da formação e a contextualização de conceitos, concentrando-se em aspectos que permitam flagrar intertextualidades possíveis entre esse e outros materiais de natureza semelhante. Com isso, além de viabilizar a compreensão contextualizada dos conteúdos do escólio, colocando à disposição dos estudos gramaticográficos críticos mais uma fonte primária, procura-se destacar os aspectos do texto que, sob a perspectiva proposta neste ensaio, apontam para uma revalorização da disciplina e do pensamento gramatical como um todo, fazendo-os mais acessíveis ao leitor contemporâneo e, assim, abertos a novas leituras e interpretações.

## ENCAPOTADA NO BANQUETE: A GRAMÁTICA<sup>1</sup> ANTE OS SABERES NA ANTIGUIDADE

Uma senhora idosa, vestindo um capote de viagem<sup>2</sup>, é instada a falar dos seus feitos para os convidados no banquete nupcial de Mercúrio e Filologia<sup>3</sup>. Apesar de sua agradável polidez (*comitate blandissima*), ostenta duros modos de professora de medicina (*medendi magistra*), trazendo consigo uma caixa de marfim de onde saca instrumentos destinados a curar feridas (*curandorum vulnerum*): um cutelo (*scalprum*)<sup>4</sup> afiado para extirpar defeitos das línguas das crianças (*circumcidi infantibus vitia linguarum*)<sup>5</sup>; um pó negro feito de cinzas ou de sépia, que, injetado por cânulas, poderia curar esses mesmos defeitos (*polvera negra, qui ex favilla confectus vel sepia putaretur, illato per cannulas eadem risanari*)<sup>6</sup>, e um remédio amargo (*medicamen acerrimum*), confeccionado a partir de cortes de férula<sup>7</sup> ou couro de cabritos (*ferulae flore caprigenique tergoris*), que trazia uma

- 1 As áreas do saber surgem nesse contexto como personificações alegóricas, dotadas de nomes próprios, portanto. Esse processo de humanização de conceitos abstratos é expediente cognitivo-retórico comum no período (ver nota 3). Por isso, ao designá-las, optaremos por iniciais maiúsculas. Essa escolha será mantida ao longo do ensaio para aludir ao nome das disciplinas ou áreas, conforme compreendidas em contexto pré-moderno, ainda quando não se trate especificamente de suas personificações.
- 2 No original, *paenulata*, ou seja, vestindo uma *paenula*, espécie de capa ou manto pesado, geralmente utilizado dentre os romanos em viagens ou trabalhos externos. Agostinho de Hipona (*Confessiones*, I, 16) designa os gramáticos por *paenulati magistri* (professores vestidos de capas). Essa indumentária era também utilizada por médicos, informação a ser levada em conta neste caso, como se verá.
- 3 As características fornecidas às disciplinas personificadas neste tratado não são meras deliberações de Capela. Elas respondem, antes, a um modelo de linguagem imagética, iconográfica, que operava sob regras específicas no trabalho com seus signos. Eram um sistema rígido que não se deixavam afetar por extremas liberdades autorais ou aleatoriedades quaisquer. Tal sistema trabalhava com lugares-comuns da retórica e era capaz de captar e transmitir conceitos, características e mesmo definições. Ver Breen (2021), Copeland e Struck (2010), entre outros.
- 4 Nas práticas de escrita da Antiguidade, instrumentos pontiagudos e afiados eram empregados para o preparo dos materiais (apontar cânulas, pulverizar pigmentos, raspar pergaminhos) e para riscar as tabuletas de cera, suporte comum no âmbito doméstico.
- 5 Vale observar que a expressão *vícios da língua* ou *vícios de linguagem* é uma das mais permanentes ao longo da história da prática gramatical, sendo vigente até hoje. Ainda no século XX, por exemplo, a Nomenclatura Gramatical Brasileira trazia os “vícios de linguagem” entre os conteúdos cuja terminologia de referência visava unificar para a aplicação no “ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino” (Brasil, 1959). Isso diz muito sobre a estabilidade histórica de certas estruturas e concepções da gramática antiga nos estudos linguísticos no Ocidente. Esse é um dos aspectos tangenciados pelo presente ensaio, ainda que indiretamente.
- 6 Alusão à prática da escrita em si.
- 7 *Ferula* (idem ao port. *férula*) possui um potencial polissêmico particularmente interessante ao trabalho realizado por Capela nesse exerto. A palavra, por metonímia, é empregada, sobretudo em seu equivalente grego *νάρθηξ* (*nárthex*), para designar popularmente a caixa de instrumentos dos médicos (conforme detalha Marganne, 2004, p. 122-124). Um papiro contendo receitas alquímicas fala, inclusive, em *νάρθηξ ἰατρικὸς* (*férula médica*) (PSI inv. 22011,48 = TM 65816, in Bonati, 2018, p. 161). Nesse trecho de Capela, não seria esse o sentido suscitado, porém a remissão subliminar ao vocabulário médico promove uma ambiguidade útil ao jogo de sobreposição entre as imagens de Gramática e Medicina. Uma primeira leitura possível conduziria, no entanto, à interpretação de *férula* (lat.) como *caniço*, ou seja, haste de papiro. Assim, junto ao couro de cabrito mencionado na sequência, poderia fazer referência aos suportes comuns para a escrita na Antiguidade: papíros e pergaminhos. Os destaques vermelhos seriam, então, literalmente, as rubricas, marcas feitas com o *rubrum* (tinta vermelha) nos trechos que demandariam mais atenção na leitura (Marganne, 2022), notavelmente o começo das frases, ou *incipits*, sob a terminologia paleográfica técnica, representados aqui pelas “gargantas” (*faucibus*). Uma segunda acepção aludiria, porém, ao modelo de punição geralmente

cor rubra forte (*rubri admodum colori exprompsit*) e convinha ser aplicado às gargantas (*faucibus adhibendum*), no intuito de sanar as bocas que exalasses o fétido hálito de uma linguagem viciosa e ignorante (*cum indocta rusticitate vexatae fetidos ructus vitiosi oris exhalant*) (*Nupt.* III, 223-225)<sup>8</sup>. Ainda que reconhecida como médica (*iatrice*)<sup>9</sup>, por uns, e geradora de obras ou conhecimentos (*genethliacem*)<sup>10</sup>, por outros, (*Nupt.*, III, 228), em meio a seu discurso, a mulher é acusada de usurpar o ofício (*praevertere officium*) à sua irmã, Música – visto que também trata de ritmos e metros<sup>11</sup> – e de provocar tédio (*fastidium*) aos convivas. Interrompida por Minerva, é forçada a se calar e sai de cena sob ordens expressas da deusa (*Nupt.* III, 326). Essa senhora é a Gramática<sup>12</sup>.

Da mesma festa, porém, participa uma espécie de antípoda dessa austera imagem. É uma mulher ilustre (*femina luculenta*), que ostenta um bastão e uma esfera<sup>13</sup>. A radiosa grandeza do trajeto etéreo dos astros estampa seu peplu<sup>14</sup> multicolor, eventualmente compartilhado com sua irmã, Astronomia. Essa dama é Geometria, que se apresenta aos convivas com pés empoeirados, marca da laboriosa volta que conseguira dar ao mundo<sup>15</sup>. Ao narrar seus feitos, é aplaudida. Lisonjeada, oferece a Jove, supremo deus do Olimpo, seus ensinamentos

aplicado pelos professores de primeiras letras. *Ferula* seria, então, como em português, sinônimo de *palmatória* (Cribiore, 2001, p. 68). Do mesmo modo, os filamentos de couro remetariam a uma espécie de cinta ou chicote (*flagellum*) usados nas salas de aula para a punição de erros e indisciplinas (Poynton, 1934, p. 9, e, classicamente, *Hor. Sat.* 1.3.119-120). Nesse caso, os pescoços (*faucibus*) seriam o lugar onde os golpes eram desferidos, ao passo que o vermelho, o rubor da pele ferida. Essa interpretação é a mais aceita, sendo reproduzida, inclusive, por um comentarista de Capela, Remigio de Auxerre (século X), que afirma que o “medicamento é o flagelo com que os alunos são punidos” (*Commentum*, 83, 17).

- 8 A aproximação entre as *tékhnai grammatiké* e *iatriké* (ou as *artes*, no sentido antigo, da gramática e da medicina) não é alheia ao mundo greco-latino antigo. Pelo exato contrário (Boehm, 2007; Sluiter, 2010; Manetti, 2009, 2015; Rousseau, 2021, a exemplo). Nesse trecho das *Núpcias*, Capela destaca essa proximidade a partir de um jogo de palavras que sobrepõe as práticas médicas às do profissional da gramática. As construções, propositadamente ambíguas, remetem a expedientes drásticos (extirpações, inoculações, uso de remédios amargos), comuns a ambas as áreas, para metaforizar os processos de escrita e de estudo da arte das letras. A ênfase na sobreposição das imagens reforça a tópica do desconforto que conduz à saúde. Curioso observar como os remédios, todos alusivos a práticas de escrita, procuram também curar aspectos da fala. Embora a distinção entre oralidade e escrita existisse, por óbvio não se deve esperar que ocorresse de modo semelhante ao compreendido hoje. Ainda assim, contudo, o *continuum* entre ambas verificado nesse excerto é possivelmente uma expressão do caráter ancilar dos estudos gramaticais em relação à preparação do bom orador (compreendido sob a alçada da Retórica) (Booth, 1978; Clarke, 1971; Cribiore, 2001; Joyal, 2019, entre outros) Era comum admitir, nesse contexto, que a Gramática servia à Retórica, como se percebe em Quintiliano. Igualmente, Cícero, no *De Oratore* (III, 39), menciona a *grammatica* como base para atingir o ideal do bem falar. O trecho de Capela explicita um papel que sempre coube à Gramática, o de disciplina acessória ante e instrumental para os estudos formativos do retor, ou orador.
- 9 Há quem, como Fabio Stok (1996), creia que os deuses presentes confundam Gramática com Medicina. Contudo, é mais provável que se trate de uma sobreposição proposital das imagens das duas *artes*, por meio da qual Capela não apenas retoma uma concepção comum a seu tempo, como também ressalta a ideia de que a aparente atrocidade dos métodos de Gramática seria, na verdade, benigna.
- 10 A acepção exata do termo permanece um enigma. Trata-se de um *hápax legomenon*, forjado a partir do grego γενέθλια (*genéthlia*), *circunstância de nascimento*. *Genethliacem*, portanto, ganha sentido aproximado de *geradora*. Trata-se de atribuição muitas vezes vinculada à Gramática ao longo da tradição, uma vez que a disciplina está na base do *trivium*, é propedêutica e necessária, pois, ao aprendizado das demais. O texto do escólio no códice *Riccardianus graecus 62* estabelece um diálogo com essa tópica, como se verá a seguir, especificamente, na seção “Metrópole do conhecimento”.
- 11 Inevitável a comparação com Geometria aqui. Ao abordar assuntos comuns com Astronomia (o que Capela aponta textualmente sob a metáfora do peplu celeste que ambas dividem), Geometria apenas os *compartilha* (*in usum commodatum*) com a irmã (*Nupt.*, 581). Por uma atitude semelhante, Gramática recebe a pecha de “usurpadora”.
- 12 Ao pensar a gramática (gr. *grammatiké*, lat. *grammatica*) na Antiguidade greco-latina, há que considerar que o que hoje se entende sob o termo (nos níveis fonológico, morfológico e sintático) é apenas uma pequena parte do vasto universo de estudos envolvido por essa disciplina no período, como adverte Paganí (2011, p. 17). O sentido de *grammatiké/grammatica* na Antiguidade seria aproximável do que se entenderia hoje por “Letras”, como designação de área, abrangendo questões que vão da aferição de normas de adequação à crítica literária e à edição, passando por teorizações sobre a linguagem em níveis mais abstratos, antes, filosóficos e, hoje, também científicos.
- 13 Alusão ao *radius*, bastão geralmente carregado pelos geômetras para desenhar na areia ou apontar durante seus ensinamentos. A esfera remete às formas perfeitas de Platão ou mesmo ao orbe terrestre. Remigio d’Auxerre em seus comentários a Capela, alega se tratar da representação da abóbada celeste (*Commentum*, 289, 2).
- 14 Roupagem elegante e diáfana, destinada a eventos mais nobres, características das mulheres das altas classes sociais nos ambientes helênicos da Antiguidade.
- 15 Etimologicamente, Geometria seria a disciplina da mensuração (*-métrou*) da terra (*geo-*). A alusão aqui pode ser tão somente à caminhada metafórica realizada sobre o orbe para fazer tais medidas ou ainda à literal mensuração da circunferência da Terra, realizada em III a.C. por Eratóstenes. Tal aferição, realizada por meio do emprego de princípios trigonométricos, é notoriamente precisa.

compilados em um livro, a fim de que os deuses pudessem prosseguir instruindo-se nos conhecimentos geométricos<sup>16</sup> (*Nupt.* VI, 580-581). É, então, aclamada e reconhecida “a mais douta e mais benigna (*doctissima et benignissima*) de todas [as disciplinas do saber]” visto que há dado prova (*comprobatur*)<sup>17</sup> para tanto (*Nupt.* VI, 724).

Gramática e Geometria são assim caracterizadas por Marciano Capela em *As núpcias de Mercúrio e Filologia*, tratado alegórico que consolida as sete artes liberais<sup>18</sup> na base do ideal da educação completa (*enkýklios paideia*)<sup>19</sup> quando da transposição dos modelos epistemológicos da Antiguidade para a Idade Média. Comumente admitida como um marco na história da sistematização pedagógica de conhecimentos, essa obra apresenta o entrelaçamento do ímpeto investigativo – representado por Mercúrio – à afeição às práxis do pensamento (*lógos*)<sup>20</sup> – manifesta sob a figura de Filologia (literalmente, o “amor ao pensar”, ou “às coisas racionais, do *logos*”)<sup>21</sup>. Tal união seria a base do paradigma educacional estabelecido sobre o *trivium* e o *quadrivium*<sup>22</sup>. Não à toa, as artes (Gramática, Dialética, Retórica, Aritmética, Geometria, Astronomia e Música) que constituiriam o núcleo do cânone curricular medieval são apresentadas aqui como aias destinadas a atender a noiva nos domínios de seu esposo<sup>23</sup>. Nesse sentido, cabe ao tratado de Capela compilar e categorizar conteúdos de modo a desenhar as funções e fronteiras das áreas do saber indispensáveis a uma formação integral, capaz de preparar para uma vida de autonomia intelectual. Concomitantemente, ao reunir e organizar matérias, funções e métodos característicos às sete artes, o livro

- 16 Trata-se do livro de Euclides. Geometria, então, estava sendo aclamada por meio da figura do fiel seguidor que compilara os saberes que ela provia. Logo, o livro de um é o livro de outro. Ao longo da Idade Média, era comum empregar o mais insigne autor ou o fundador mítico de uma disciplina como representação da própria disciplina.
- 17 De modo genérico, é possível afirmar que o conceito de *prova* será caro aos sistemas epistemológicos ocidentais, ocupando o cerne do desenvolvimento da metodologia que moldará o paradigma científico posterior ao século XIX. Já na Antiguidade, apesar de notavelmente caras ao universo jurídico e, portanto, aos âmbitos da Dialética e de Retórica, as provas farão história como parte do arcabouço epistemológico da matemática. Notavelmente, as provas anotadas nos tratados de Geometria consistirão em grande parte da matéria dos escolhos dessas disciplinas, constituindo-se mesmo em uma metodologia didática consagrada, sob o formato das demonstrações (Acerbi, 2014; Netz, 2009).
- 18 No latim, *Septem Artes Liberales*. Vale lembrar que o termo *ars*, plural de *artes*, não tem sentido equivalente ao atual. Trata-se aqui de tradução aproximada do grego *Tékhnē*. Sob o estatuto das *tékhnai* ou *artes* é possível compreender um conjunto de disciplinas que demandavam o domínio de um sistema aplicável de regras. Geralmente, eram dotadas de um viés prático ou ainda instrumental. Isso levou muitas delas a serem admitidas como auxiliares ou comezinhas demais (Johansen, 2021; Tatariewicz, 1963). É o caso da Gramática, mas também da Medicina e da Arquitetura.
- 19 É importante observar que os ideais dessa educação global, assim como seu currículo mínimo, não constituíram um paradigma inamovível na História. Do mesmo modo, como nota Rechenauer (1994) em seu verbete sobre a *enkýklios paideia*, não se tratava de uma educação abrangedora de todos os conhecimentos, mas, antes, de uma formação holística. Esse conceito consolidou-se no período helenístico.
- 20 *Lógos* é termo extremamente complexo semanticamente. Para uma abordagem sucinta dessa complexidade especificamente dentro da esfera de estudos antigos vinculados à linguagem e metalinguagem, ver Chapanski (2003); para uma síntese de sentidos possíveis, ver Dunshirn (2021) e Cassin (2014).
- 21 No ambiente linguístico greco-latino, *Filologia* não ganha o sentido atual. Representa, antes, o estudo de tudo aquilo que concerne à racionalidade ou às artes do pensar, abrangendo assim diversos saberes. No quadro das sete artes liberais, de Cícero (*Ad fam.* 4, 4, 4; *Tusc.* 1, 5-6.), a Filosofia aparece em seu lugar, balizando as discussões acerca das *artes* (Tempest, 2020; *contra* Kimball, 1986). Movimento semelhante será verificado no desdobramento medieval da abordagem do tema. A Filosofia ocupa o papel central na iluminação das *Septem Artes Liberales* no *Hortus deliciarum* de Herrad de Landsberg (Green *et al.*, 1979), por exemplo: todas as disciplinas estariam, pois, a seu serviço. Não se trata, porém, de admitir que *Filologia* e *Filosofia* sejam termos sinônimos, nem que possuam acepções próximas das contemporâneas nesses contextos. A Filosofia tange outro espectro de saberes, eventualmente mais amplo, a ponto de albergar os conhecimentos teológicos, por exemplo.
- 22 Nesse banquete de núpcias realizado no Olimpo, as disciplinas que não integravam o *trivium* e o *quadrivium* não são chamadas a se manifestar, por serem demasiado vinculadas ao espectro prático. É o caso da Arquitetura e da Medicina, que, embora admitidas entre as artes liberais por Varrão (*Disciplinarum Libri IX*), são descartadas por Capela, que as julgava por demais mundanas. Curioso notar que Gramática tem a imagem sobreposta justamente à dessa última.
- 23 Essa é uma alegoria que se presta à organização de sistemas epistemológicos do período clássico grego até, pelo menos, a Idade Moderna. Górgias (*Gnomologium* [Diels-Kranz F V, 82B 29]), Aristipo (Diog. Laert. *Vitae*, II, 7, 79) e Bion (Plut. *Moralia*, I, 10) já teriam estabelecido a comparação: a Filosofia seria equiparável a Penélope, esposa de Odisseu, ao passo que as demais disciplinas do saber seriam como as suas servas. Durante a Idade Média, a concepção da Filosofia como centro do quadro epistemológico permanece. Ao posicionar a Filologia nesse lugar, Capela subverte essa tradição.

funciona como fonte para o pensamento educacional e epistemológico de seu período e posterior. Diante disso, é possível compreender as *Núpcias* como um repositório das concepções historicamente estabelecidas a respeito das disciplinas integrantes do repertório fundamental.

Pela própria natureza compositiva das alegorias, cada uma das personagens explorada no tratado é, portanto, uma síntese de lugares-comuns retóricos (*loci*) no discurso corrente sobre as figuras que representam. Nesse sentido, observar o contraste entre Gramática e Geometria pode prover significativas bases de análise sobre o papel e a posição dessas disciplinas nos circuitos intelectuais tarde-antigos ocidentais. Longe de ser aleatória, a comparação entre essas *artes* (no sentido latino) é um jogo de emulação que atravessará a história de modo mais duradouro do que, a princípio, se imagina, ora mais, ora menos tacitamente. No que diz respeito à sua apreciação pelo senso comum, ambas as disciplinas ocupam, já na Antiguidade, posições polares, constituindo um quadro cujos desdobramentos ainda se fazem perceptíveis contemporaneamente.

Geometria, alçada pelo platonismo<sup>24</sup> ao título de *ciência*<sup>25</sup> de Deus<sup>26</sup>, alcança geralmente prestígio superior ao de outras disciplinas, ao passo que a Gramática habita um terreno no mínimo controverso. Os saberes e práticas gramaticais oscilavam, então, entre as mãos do *grammatikós* e do *grammatistés*<sup>27</sup>, transitando entre as esferas da alta erudição e o cotidiano da rotina escolar. Em ambos os casos, muitas vezes, a gramática acumulava o estigma de rígida tabuladora dos hábitos linguísticos<sup>28</sup>. Seja no ambiente intelectual alexandrino, onde assumira ares de práxis analítica e editorial, seja nas salas de aula do jovem estudante, a disciplina gramatical se popularizou sobre um escopo de atividades que ia basicamente do extirpar (excertos e lições textuais inadequadas, ortografias “erradas”) ao corrigir<sup>29</sup>. É fato que era constituída também de um conjunto de saberes metalinguísticos que se prestava a elucidar significados, fixar estruturas, estabelecer cânones, criar mecanismos didáticos em torno da língua e instrumentalizar a expressão e a interpretação. Mas, não raro, tudo isso acabava deslocado para um segundo plano. Essa é uma visão que, inclusive, não se dissolverá por completo na história do pensamento. Basta considerar o que o senso comum compreende como “estudos linguísticos” e o quanto ainda lega a essa esfera do saber a mera função de “corrigir” a fala e a escrita.

24 Dominar a disciplina era, inclusive, condição *sine qua non* para frequentar o círculo de Platão, conforme a advertência expressa no pórtico da Academia: “Que ninguém que ignore geometria cruze esta porta” (“Μηδείς ἀγεωμέτρητος εἰσέτω μοι τῆ θύρᾱ”). Isso é o que contam os neoplatônicos João Filopono e Olimpiodoro (VI d.C.), ou ainda o testemunho de Tzetzes (século XII) (*Chiliades*, 8, 972) (Saffrey, 1968).

25 O termo *ciência* é empregado aqui em sentido lato, como no latim *scientia*.

26 Cf. Cribiore (1996), entre outros.

27 Apesar de a distinção ser assinalada por diversos autores já na Antiguidade, os limites entre essas atividades não eram intransponíveis. Mais de um erudito da Antiguidade ocupou a posição de professor da educação de base, a começar por Calímaco, expoente da Biblioteca de Alexandria, que, de acordo com o léxico de autores *Suda*, “γράμματα ἐδίδασκε”, ou seja, “ensinou as primeiras letras” (*Suda*, K 227).

28 A ambiguidade e a controvérsia em torno dos papéis sociais da gramática no período são exploradas por Eshleman (2013), a partir da caracterização do gramático no banquete das *Quaestiones convivales* de Plutarco: raramente convidado, geralmente reconhecido pela quantidade (mas não exatamente pela qualidade) de conhecimentos que articula e por sua pouca destreza social. Sobre o tema, ver também Komorowska (2015).

29 O conceito de “correção”, representado pelo radical *-orth-*, se faz presente na história do pensamento metalinguístico da Antiguidade em muitos aspectos. Primeiramente se verifica nos ambientes filosóficos de Platão, especialmente no *Crátilo*, ao universo filosófico dos estoicos, onde se manifesta sob o *orthótes onomáton*, ou a reflexão sobre o grau de fidedignidade com que um nome conseguia representar as coisas do mundo. Um outro aspecto é a *dióρθosis*, processo de correção propriamente dita que era empregado nas práticas de edição e fixação de textos, ajustando ortografias, seleções sintáticas e vocabulares e afins. Esse modelo, geralmente com base no princípio, é igualmente vinculado à noção de correção, do *hellenismós* (Pagani, 2014), ou seja, na “correção” de um conteúdo de acordo com a norma do grego, sem marcas de influxo estrangeiro.

## A CIÊNCIA DAS LETRAS ENTRE SUBALTERNA ATROZ E NUTRIZ MATERNAL: NUANCES DE UM CONCEITO

De fato, no imaginário geral, enquanto disciplinas como a Geometria criavam, à Gramática cabia corrigir e ajustar – ou, quando muito, compreender os aspectos criativos, *poietikói*, da linguagem. A canônica definição de Dionísio Trácio (ca. II a.C.)<sup>30</sup> posiciona a Gramática como “a experiência do comumente dito pelos poetas e prosadores” (*Tékhne*, I)<sup>31</sup>, apontando uma vinculação inescapável entre essa disciplina e aquilo que hoje entenderíamos por *literatura*<sup>32</sup>. A despeito de posturas platônicas que viam no poeta uma espécie de mascarador da verdade, sua figura alcançará diversos graus de alto prestígio no universo greco-latino: vate, arauto inspirado da Musa, detentor das formas mais sublimes e demiúrgicas de conhecimento. A partir daí seria de se supor que da afiliação da gramática ao universo poético adviesse alguma forma de prestígio. Contudo, essa expectativa não se confirma, até porque, no desdobramento diacrônico das disciplinas do *trivium*, caberá à Retórica vincular-se à Poética (a exemplo, Richter, 2010).

As disciplinas do *trivium* compartilham entre si um mesmo objeto, a linguagem, embora particularizem-se em suas funções e métodos. Inevitavelmente, portanto, contarão com interfaces. Contudo, raramente essas eram compreendidas como tal. Eram antes vistas como territórios pouco definidos e mesmo disputados ao longo da tradição, que acabavam por resultar em dinâmicas que posicionam essas disciplinas em hierarquias verticais. Nesse quadro, a gramática, por inúmeras vezes, acaba relegada ao *status* de ciência acessória, instrumental ou subalterna<sup>33</sup>, um *status* a um só tempo perceptível e corroborado pelas flutuações na conceituação da disciplina.

A definição oferecida no manual atribuído a Dionísio Trácio posiciona ainda a *grammatiké* como universo de conhecimentos mobilizados no preparo, por assim dizer, editorial (*ékdoxis*) (*Tékhne*, I. 6) dos textos consagrados, como os de Homero. Uma função de nobreza indiscutível nesse contexto. Contudo, nem sempre essa tarefa foi compreendida sob a alçada do *grammatikós*.

Sem dúvida, como em qualquer outra área do conhecimento, é de se esperar que definições fltuem, ajustando-se, inclusive, a aspectos epistemológicos que lhe transcendam, seguindo o fluxo de vertentes teóricas sob o clima de opinião (Koerner, 1989), recebendo ajustes e alterações contexto a contexto (considerado aqui na acepção historiográfica, verificada em Swiggers, 2013). No entanto, o caso da Gramática é extremo nesse aspecto, uma vez que a disciplina será caracterizada por dualidades e tensões internas, ao longo da história.

Nesse sentido, um desafio particular se verifica ante a bipartição interna desse campo de estudos na Antiguidade. Ao passo que se admitia uma gramática erudita (sob a figura do intelectual *grammatikós*), encarregada das altas reflexões metalinguísticas, também havia a gramática escolar (do *grammatistés*, ou do

30 Sobretudo a partir dos textos de Di Benedetto (1958, 1959) a crítica especializada admite que a *Tekhné grammatiké* atribuída a Dionísio Trácio é, na verdade, a compilação e excertos de autoria incerta. No entanto, a primeira seção é a mais provavelmente compatível com a autoria atribuída em conteúdo e data. Para um apanhado sobre a questão, ver Pagani (2010).

31 Seguimos aqui a tradução de Chapanski (2003).

32 Observe-se a correspondência semântica entre o latim *littera* e o grego *grámma*. A partir daí, é possível flagrar a aproximação histórica entre as noções de *litteratura* e *grammatiké*, uma vez que ambos os termos são alusivos ao “estudo das letras”.

33 Uma redenção nominal e efetivamente expressa da disciplina talvez possa ser observada apenas em VI d.C., nas *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, onde a Gramática é declarada “origem e fundamento” das demais disciplinas (*Etymologiarum sive originum libri*, I.5.1)

*grammatodidáskalos*), que cabia aos professores de primeiras letras, na formação inicial. Sobretudo o papel desses últimos era socialmente controverso. Há indícios de que alusões a essa profissão fossem até empregadas como impropérios (Booth, 1981). A figura do gramático como sujeito desagradável, de hábitos pouco refinados e que corrige a todos de modo deselegante<sup>34</sup> será recorrente na tipologia literária dos diálogos de comensais, que operará com caracteres fixos, notavelmente, nos contextos tardo-antigos.

Mas mesmo para além dessa possível polarização entre as figuras do *grammatikós* e do *grammatistés*<sup>35</sup>, muitos são os momentos em que a gramática é posicionada secundariamente em relação a outros fazeres metalinguísticos. Neste excerto, Sexto Empírico cita o maior expoente da escola de Pérgamo ao estabelecer essa posição:

*Crates disse que o crítico (kritikós) difere do gramático (grammatikós), já que o crítico é experto em todos os conhecimentos do lógos, enquanto o gramático é apenas um intérprete de palavras, um estabelecedor de acentos, que só sabe coisas como essas. O crítico<sup>36</sup>, portanto, equipara-se ao arquiteto, e o gramático, a seu servente (Adv. Math. 1,79, grifo nosso)<sup>37, 38</sup>.*

É fato que Crates de Malos foi consagrado pela tradição posterior como *grammatikós*, embora, segundo sua própria definição, já explicitada, ele não o fosse. A função acessória e subalterna que atribuía à gramática fica evidente no excerto. Considerando-se a afiliação estoica de Crates, “todo o conhecimento (*epistème*) do *lógos* (*πασα λογική έπιστήμη*)” pode fazer referência a todos os domínios da Lógica<sup>39</sup> e da Retórica<sup>40</sup>, ou, ainda, falar sobre a adequação dos textos a serem analisados pelo *kritikós* aos preceitos logicamente estabelecidos e determinados pela *tékhnē/ars* poética (Seppänen, 2014, p. 42). Desse modo, quer ante o trabalho com o conhecimento em geral, quer diante da exegese de textos, a Gramática seguiria como mera servente.

34 O gênero de escrita que se estabelece a partir de diálogos em simpósios (jantares, banquetes) é, desde Platão, um formato consagrado, capaz de fornecer pistas sobre aspectos mais cotidianos da sociedade. Nesse sentido, o texto de Eshleman (2013) provê bases para a análise da figura do gramático como esse conviva pouco bem-vindo, a partir da observação dos simpósios na obra de Plutarco.

35 Essa distinção será abordada no excerto III do *Riccardianus graecus* 62, a ser analisado adiante neste trabalho.

36 Conforme já aponta Montana (2015, p. 149, nota 408), a definição de *κριτική* (*kritiké*) ofertada aqui por Crates é comparada à oferecida pelo estoico Crisipo (III a.C.) na passagem descoberta por Claudio Meliadd (2013), no manuscrito *Riccardianus graecus* 62 do *Prolegomena* ao *Scholia Vaticana* à gramática de Dionísio Trácio. Justamente a análise desse fragmento novo (*fr. nov.*) é o objeto central do presente trabalho (ver seção “Caminho para a cidade das letras: tradução e comentários ao texto do *Riccardianus graecus* 62”).

37 “καί γάρ έκείνος έλεγε διαφέρειν τόν κριτικόν τοῦ γραμματικου, καί τόν μὲν κριτικόν πάσης, φησί, δεῖ λογικῆς έπιστήμης έμπειρον εἶναι, τόν δε γραμματικόν ἀπλῶς γλωσσῶν έξηγητικόν καί προσφοδίας ἀποδοτικόν καί τόν τούτοις παραπλησίον εἰδήμονα: παρὸ καί εὐκέναι έκείνον μὲν ἀρχιτέκτονι τόν δε γραμματικόν ὑπρέτην.”

38 Todas as traduções empregadas ao longo do presente ensaio serão de nossa autoria, salvo observação em contrário.

39 É importante considerar que, nesse contexto, Lógica era a disciplina concernente “às coisas do *lógos*”. Entre elas, estavam, por exemplo, as reflexões sobre o valor de verdade de proposições, silogismos e afins. Historicamente, será possível observar contextos em que Lógica e Dialética serão equivalentes. No entanto, o conceito de lógica costuma ser mais abrangente e elástico, abarcando, praticamente, toda a matéria do pensar.

40 Algumas das interpretações clássicas para esse excerto são as seguintes: Prencipe (2002, p. 54) defende que *logiké epistémē* (*λογική έπιστήμη*) seja uma referência a “toda a Dialética” ou ainda às matérias estoicas compreendidas sob a Retórica e a Dialética. Blank (1998, p. 140) acredita que a fórmula aluda à totalidade de realizações filosóficas e lógicas. Blank e Atherton (2003, p. 318), porém, acreditam que referências indiretas ao *Tratado sobre os sons* (*Τέχνη περι φωνῆς*) são também encontradas nas primeiras divisões estruturais da Gramática que chegaram até nós. Seppänen (2014, p. 42) reafirma a possibilidade de esse excerto vincular-se à Retórica. Crates poderia ter explicitado aqui a necessidade de conhecimento holístico na formação do retor, ponto já destacado na tradição a partir de Isócrates. No mesmo sentido se verá Cícero destacando a importância de o retor/orador ser versado em todas as matérias da ciência e da arte.

Os limites entre *kritiké* e *grammatiké* parecem, inclusive, ter sido pauta recorrente na escola de Pérgamo. No excerto seguinte, Sexto Empírico retoma essa discussão mencionando outro dos membros desse grupo<sup>41</sup>:

*Taurisco, discípulo de Crates, como os demais críticos (kritikói), subordinava a Gramática (grammatiké) à Crítica (kritiké). Ele dizia que as partes da Crítica são racionais (logikón), práticas (tribikón), históricas (historikón). A parte racional é relacionada com a dicção [durante a leitura] e os tropos; a parte prática diz respeito aos dialetos e diferenças na forma e no estilo, e a parte histórica lida com o conteúdo não metodológico do material (Adv. math. 1, 248-9)<sup>42</sup>.*

É importante observar que todos esses aspectos (dicção na leitura, tropos, glossas, histórias<sup>43</sup>) estão listados como partes da Gramática no manual atribuído ao alexandrino Dionísio Trácio, em que, inclusive, a crítica é a “sexta e mais importante parte da arte” (*Tékhnē*, I, 6). Nessa obra, a Gramática não é acessória à crítica – pelo contrário. E essa reorganização não se resume a uma mudança da relação hierárquica entre disciplinas ou saberes minimamente autônomos: em Dionísio Trácio, a *grammatiké* assimila a crítica (*krísis*), que passa a integrá-la, como uma de suas partes.

Tal discrepância poderia ser atribuída a uma mera diferença terminológica vinculada a vieses teóricos<sup>44</sup>: Crates e Taurisco eram da escola de Pérgamo; Dionísio Trácio, da alexandrina. Esses núcleos intelectuais adotavam posicionamentos contrastantes, que motivaram grandes debates em torno de questões linguísticas (anomalia *versus* analogia, por exemplo). Porém, há mais a observar. Mesmo entre os predecessores do Trácio, houve quem se negasse a atender por *grammatikós*. Um testemunho de Clemente (ca. II-III d.C.) (*Strom.*, I.16.79.3) alega ter sido Erastóstenes o primeiro a empregar esse termo<sup>45</sup>, jamais, contudo, para designar a si mesmo. Ele insistia em ser denominado *philólogos*, exatamente para evitar que supusessem que o seu campo intelectual fosse restrito<sup>46</sup>. Ainda que de forma indireta, essa postura ecoa a compreensão estoica de que o estudo metalinguístico das “letras”, mesmo se erudito, seria incapaz de abarcar todas as coisas da *lógica*.

Consta que, por razões semelhantes, já no século III, Longino (ca. 213-273) teria sido apelidado de “o crítico” (*κριτικός*), na intenção de distingui-lo dos gramáticos (*γραμματικοί*), porque, apesar de abordar questões de poesia e escrita, seu trabalho as transcendia (Matthaios, 2015, p. 265). Pouco tempo depois, João Crisóstomo (século IV-V d.C., ca. 347-407) parece compreender essa oscilação entre os termos *kritikós* e *grammatikós* como uma questão meramente cronológica:

41 Optamos aqui por uma tradução mais literal desse excerto e do seguinte. Para uma tradução tecnicamente mais elucidativa, com notas e detalhamento, dos comentários de Sexto Empírico em *Contra os gramáticos*, ver Prezotto (2015).

42 “Ταυρίσκος [...] ὁ Κράτητος ἀκουστής, ὡς περ οἱ ἄλλοι κριτικοὶ ὑποτάσσων τῇ κριτικῇ τὴν γραμματικὴν, φησὶ τῆς κριτικῆς εἶναι τὸ μὲν τὰ λογικὸν τὸ δὲ τριβικὸν τὸ δὲ ἱστορικόν, λογικὸν μὲν τὸ στρεφόμενον περὶ τὴν λέξιν καὶ τὸς γραμματικὸς (?) τρόπους, τριβικὸν δὲ τὸ περὶ τὰς διαλέκτους καὶ τὰς διαφορὰς τῶν πλασματικῶν καὶ χαρακτηριστῶν, ἱστορικὸν δὲ τὸ περὶ τὴν προχειρότητα τῆς ἀμεθόδου ὕλης.”

43 É importante observar que a noção de histórias aqui não equivale à contemporânea. Trata-se, em linhas gerais, dos enredos (da mitologia, por exemplo) e usos que justificam a interpretação de palavras ou sintagmas específicos.

44 Conforme pontua Nagy (1998, p. 187), tratava-se de uma concepção mais holística do fazer acadêmico defendida por Pérgamo: “the ‘kritikoi’ of Pergamon stand for a more holistic approach to scholarship than the grammatikoí of the Library of Alexandria”.

45 Para o uso de *γραμματικός* no sentido de erudito/acadêmico em um período anterior ao de Erastóstenes, ver Dihle (1998, p. 88) e Geus (2002, p. 305, nota 114).

46 Suetônio afirma que Erastóstenes havia se autodesignado (*sibi vindicavit*) *φιλόλογος* porque sabia-se que sua erudição trabalhava com muitos e variados temas (*multiplici variaque doctrina censebatur*) (*Gramm.* 10.4). Observe-se que aqui fica implícita a restrição do termo *grammatikós* apenas ao trabalho com as letras, algo que parecia insuficiente para alguém afeito à multiplicidade de matérias concernentes ao *lógos* (philo-*lógos*, portanto).

“Houve quem se ocupasse de interpretar as questões homéricas: não apenas Aristarco e Crates, mas muitos outros, que vieram a ser denominados *gramáticos* e eram antes chamados de *críticos*” (Dio Chrys. Or. 53,1)<sup>47</sup>.

É improvável, porém, que uma absoluta estabilização semântica do termo *grammatikós* (assim como a consequente consolidação do escopo da disciplina) tenha ocorrido no espaço de cerca de um século. Crisóstomo é praticamente contemporâneo de Capela (360-428), que ainda apresenta uma Gramática em vestes brutas, dedicada igualmente às reflexões canônicas e ao ensino infantil, vinculada a uma *ars* compreendida como inferior (a Medicina)<sup>48</sup> e ainda subalterna às suas irmãs do *trivium* (*Nupt.* III)<sup>49</sup>. O texto de Capela parece, inclusive, reagir a postulados tácitos que colocam a Gramática em desvantagem perante os demais saberes. A própria personagem elabora uma espécie de defesa de si. Primeiro, atesta que lhe cabe *compreender e comprovar de modo douto* (*erudite intellegere probareque*) que há muito em comum entre ela, a Crítica e a Filosofia.

Ainda na clave comparativa, Gramática apresenta o fato de ter um conjunto de atribuições ativo e outro passivo<sup>50</sup>: essa mesma realidade seria verificável em outros ofícios diversos, sendo compartilhada pelo ator, pelo astrônomo e, finalmente, pelo geômetra. Esse último também criaria (aspecto ativo) e conheceria (aspecto passivo) a forma dos teoremas que aplica com “correta razão” (*Nupt.* III, 230). Note-se que a argumentação da personagem aí estabelece uma gradação retórica, vai do mais comezinho ao mais nobre, e culmina na Geometria. Ao mencionar claramente o caráter racional da atividade do geômetra, reforça essa leitura, ao mesmo tempo que remete ao logicismo estoico já observado em Crates. A Gramática, aqui, estabelece uma aproximação contrapontística com a mesma verve lógica e racional que diversos autores lhe negaram.

Na tradição posterior das sete artes liberais, da qual Marciano é fonte recorrente, a Gramática ganha aspectos peculiares que reforçam a dualidade já característica da disciplina: sua representação oscila entre a de rígida professora e a de gentil nutriz, podendo, eventualmente, concentrar-se sobre um desses aspectos. Teodulfo de Orleães<sup>51</sup> (séculos VIII/IX) a apresenta portando um cutelo e um chicote (símbolos de severidade e disciplina). Mas já na famosa miniatura das sete artes liberais do *Hortus deliciarum* (século XII)<sup>52</sup>, Gramática porta um bastão (equivalente da palmatória) e um livro (referências iconográficas à educação e ao conhecimento, respectivamente)<sup>53</sup>. Estrutura semelhante se verifica no Portal Oeste da Catedral de Chartres (1150), onde aparece instruindo dois pupilos, novamente segurando o livro e a palmatória.

47 “οἱ δὲ αὐτὸ τοῦτο τὴν διάνοιαν ἐζητοῦμενοι, οὐ μόνον Ἀρίσταρχος καὶ Κράτης καὶ ἕτεροι πλείους τῶν ὑστεροῦν γραμματικῶν κληθέντων, πρότερον δὲ κριτικῶν.”

48 Vale lembrar que a figura do médico ocupava então lugar de prestígio muito divergente do atual. Em linhas gerais, a função era vista como mais uma dentre as atividades utilitárias de serviço, vinculadas às práticas indispensáveis à manutenção da vida cotidiana, sem maiores atribuições de qualidades sociais ou intelectuais.

49 É a única que recebe ordens para sair de cena e é praticamente escoltada para fora. Mesmo a Dialética, a mais perigosa e anti-pática das irmãs do *trivium* (a ponto de guardar cobras nas mangas, em sua iconografia), recebe ordem semelhante para encerrar seu discurso, porém de modo mais sutil e com direito a um breve exórdio.

50 Em linhas gerais, a divisão de competências explicitada aqui pela personagem é equiparável ao que se compreende hoje por habilidades linguísticas ativas (fala e escrita) e passivas (compreensão e leitura).

51 Em seu *De septem artibus liberalibus in quadam pictura depictis*, Teodulfo apresenta a árvore das artes liberais, da qual a Gramática é a raiz.

52 *Hortus deliciarum* (*Jardim das delícias*) é uma compilação de iluminuras realizada no século XII por Herrad de Landsberg. Teria sido o primeiro compêndio didático escrito por uma mulher e servido de material para os estudos de mulheres, no caso, as noviças de uma ordem.

53 Para apanhados sobre a iconologia da Gramática, ver Stok (1996), Cestaro (2003) e, particularmente, Cleaver (2009) e Donavin (2019).

Seu caráter disciplinador e punitivo, porém, é descartado por Nicolo e Giovanni Pisano, em suas esculturas da Fontana Maggiore de Perugia (século XIII). Lá os artistas representam a Gramática sentada mostrando um livro a uma criança para a qual inclina o corpo em gentil atenção. Giovanni Pisano, no púlpito da catedral de Santa Maria Assunta, em Pisa, destaca esse caráter cuidador em sua alegoria: traz a Gramática esculpida na figura de uma lactante que amamenta dois bebês – que Stok (1996) especula serem as *Ars Maior* e *Minor* de Donato<sup>54</sup>. Essa visão da nutriz carinhosa é significativamente menos comum. O mais usual é que se estabeleça como um dos polos da dualidade de Gramática. Alano de Lille (século XII), por exemplo, evoca também essa imagem, mas reforça o oxímoro: Gramática delicia as crianças com leite de seus seios (*lactea aetas delibat [...] et cibus/et potus in solo lacte resudat*), ao mesmo tempo que endurece a mão com o chicote para punir abusos (*asperat illa manum scutica/qua punit abusos*) (*Anticlaudianus*, II, vv. 394-398). No códice *Parisinus Latinus 8500* (século XIV), a Gramática preme ambos os seios, ofertando alimento aos vários estudantes que a cercam<sup>55</sup>.

A representações alegóricas da Gramática refletem seus conceitos e as percepções a respeito da disciplina. Não serão, portanto, estáticas ao longo da história. Não é possível sequer dizer que se alternem ou substituam umas às outras de modo radical e consistente ao longo de linhas cronológicas ou geográficas. Nos circuitos teóricos e filosóficos, perspectivas extremas poderão ser, eventualmente, complementares. A rígida educadora e a dedicada nutriz são pontos extremos e concomitantes que denotam a permanência de um *ethos* gramatical desenhado pela correção e pela ancilaridade.

## UM REPOSICIONAMENTO DO PAPEL DA GRAMÁTICA

É justamente essa dinâmica de valores que uma inusitada definição de *gramática* parece estar confrontando, por meio de diversas sutilezas retóricas. Trata-se do texto de um *fragmentum novum* apontado por Meliadô (2013) no códice *Riccardianus graecus 62*, que integra o conjunto de comentários medievais à *Tékhne grammatiké* de Dionísio Trácio. Esse escólio, apócrifo, apresenta significativas divergências em relação aos testemunhos que constituem a clássica coletânea de Hilgard (*Grammatici Graeci, G.G, I, 3, 1901*), indicando sua provável pertença a um ramo alternativo da tradição de comentários à *Tékhne* dionisiana (Meliadô, 2013, p. 159).

Apesar de se manter bastante fiel ao modelo temático e estrutural do *corpus* de comentários à *Tékhne grammatiké*<sup>56</sup> (que repete estruturas determinadas, como as que versam sobre partes e instrumentos da gramática), esse escólio designa a Gramática como *metrópole dos aprendizes* (*μητρόπολις μαθητων*), atribuindo a ela, na sequência, o papel de *pequena filosofia* (*μικρά φιλοσοφία*). Somam-se a

54 Cestaro (2003) aponta que do século IX ao XIV a iconografia da Gramática haveria passado por uma “maternalização” gradativa. Pouco a pouco, seus atributos de austera corretora teriam dado lugar a uma postura mais voltada para o cuidado. Donavin (2019) observará que a aura maternal acompanhará a iconografia da disciplina ao longo da Idade Média, mesmo sob sua efígie de disciplinadora.

55 Uma reprodução da imagem pode ser encontrada em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8446933h/f74.item.r=%228500%22.zoom>. Acesso em: 6 mar. 2026.

56 A maior parte do que se conhece desses escólios à *Tékhne grammatiké* foi compilada por Alfred Hilgard em 1901 (*Grammatici Graeci, I, 3*). Ante o que se conhece até o momento, um único comentário bizantino a essa obra de Dionísio Trácio não consta dessa compilação: é exatamente o descoberto por Claudio Meliadô, em 2013, no códice *Riccardianus graecus 62*.

essa conceituação pouco usual<sup>57</sup> algumas outras peculiaridades no emprego lexical e mesmo na abordagem dos conteúdos que, sob a hipótese de leitura ora apresentada, podem indicar um movimento do comentador-autor em direção a um (re)posicionamento da Gramática ante a gama dos conhecimentos possíveis, ou, mais especificamente, no espectro das disciplinas do saber.

Em mais de um momento, o texto desse manuscrito dialoga tacitamente com matérias do repertório compartilhado nos ambientes de erudição, ou realiza breves intervenções ao reproduzir conteúdos canônicos. Muitas vezes, tais expedientes se manifestam em detalhes, o que, a princípio, é típico do gênero escólio. Dessa forma, há elementos que, eventualmente, até poderiam ser admitidos como meros acidentes na linha de transmissão de manuscritos (devidos a lapsos de memória<sup>58</sup> ou falhas do copista, por exemplo). No entanto, verifica-se um alinhamento conceitual subjacente às particularidades do *Riccardianus graecus* 62. Mais do que meras casualidades aleatórias, as flutuações textuais, citações e modificações realizadas pelo escoliasta podem estar propondo um redirecionamento das concepções tradicionais da disciplina gramatical.

Para melhor compreender esse fenômeno, não se devem perder de vista as margens contextuais difusas e contínuas sobre as quais se estabelece a complexa categoria dos escólios<sup>59</sup>. Historiograficamente, é importante considerar que um primeiro contexto a ser abordado é o do objeto comentado, no caso, o manual de gramática atribuído a Dionísio Trácio, que dataria do século I-II a.C. Um segundo contexto seria o relativo ao momento de produção do próprio comentário, o circuito intelectual bizantino do século XIV (Vitelli, 1894, p. 513). Esses ambientes se projetam um sobre o outro, uma vez que o escoliasta tende a procurar respeitar a *auctoritas*<sup>60</sup> do texto antigo, sem, no entanto, deixar de oferecer alguma contribuição sobre ele. Como regra, nesse tipo de texto, as margens autorais, cronológicas, estruturais serão sempre pouco nítidas, flagráveis apenas na medida em que se admita, entre elas, alguma intersecção.

Esse quadro historiográfico será levado em conta na tradução do conteúdo do escólio *Riccardianus graecus* 62, que apresentaremos a seguir. Trata-se de um texto apócrifo produzido em um ambiente de erudição, provavelmente para fins educacionais. Nos comentários que acompanharão a versão em português, serão trabalhados aspectos textuais e intertextuais relevantes para a leitura aqui proposta, cujo foco é a matéria filosófica na base do pensamento metalinguístico manifesto no texto. O intuito é fornecer uma análise contextualizada do conteúdo desse escólio diante da tradição gramatical, com ênfase nas relações entre conceitos e abordagens manifestos em outros escólios à *Tékhnē grammatiké*.

57 Até onde vai nosso conhecimento, esse seria o único texto a trazer tais designações para a Gramática.

58 Para a função determinante dos sistemas mnemotécnicos nos circuitos intelectuais pré-modernos, ver Carruthers (2011), Assman (2011) e Yates (2013), por exemplo.

59 Os vários tipos de comentários nesse contexto são divisíveis em tipologia, cronologia ou por critérios híbridos. Nesse sentido, unificar métodos e terminologias para sua análise pode ser desafiador. Contudo, para uma distinção mais detalhada entre subgêneros, ver Ihm (2002). Seguindo Dickney (2007) e Montana (2015), é possível separar em ao menos dois grandes grupos: os *hupomnēmata* e os *scholia*, os primeiros geralmente admitidos como comentários propriamente ditos, maiores, destinados a compor praticamente um opúsculo a respeito de um autor, e os segundos, anotações geralmente menores, mas que, igualmente, podem ser compostos de uma série de elementos: desde os *lemma* (citações mais diretas) até as traduções, paráfrases, ou ainda o elenco de passagens paralelas de outros autores e os posicionamentos do próprio comentador (Nünlist, 2009). Muitas vezes, os comentadores medievais faziam compilações de escólios anteriores a si, dentro de suas próprias anotações da obra de um autor antigo. Dentre os *corpora* de escólios a Dionísio Trácio, verificam-se iniciativas dessa natureza. Os limites entre apresentações autorais para compilações conscientes e citações realizadas para um estudo pessoal que acabam sendo lidas com coletâneas são, no entanto, difusos.

60 Para maiores detalhes sobre o funcionamento desse sistema intelectual pautado na *auctoritas*, ver, a exemplo, Minnis (2010) e Law (1990).

Elementos paleográficos serão articulados tão somente na medida em que tenham impactos semânticos relacionados a esse escopo.

## **A PRÁXIS ESCOLIÁSTICA E SEU LUGAR NA TRADIÇÃO: PONTOS PARA UMA HISTORIOGRAFIA**

A história do pensamento linguístico antigo e medieval deve muito a um tipo específico de texto: os comentários. Invisibilizado pelas noções contemporâneas de edição, o trabalho do comentador pré-moderno é dotado de natureza híbrida: é responsável, a um só tempo, por transmitir um legado textual e fornecer a diacronia da recepção dele. Não raro, as citações contidas em comentários se convertem em única fonte sobre determinado autor ou obra do passado, ao passo que não deixam de ser também registros de uma hermenêutica desse passado. Escólios, *hupomnêmata* e marginálias encerrarão sempre essa duplicidade, que muitas vezes transcenderá seus limites conceituais.

O aparato de demarcação de citações, notas e interpolações é posterior à imprensa moderna. A revolução gutenberguiana permitiu a relativa estabilização do texto, de modo não imaginável antes. Entre as implicações diretas dessa nova tecnologia editorial, estão a gradativa individuação das noções de autoria (com a consequente mudança nas dinâmicas de *auctoritas*) e o lançamento das bases da erudição que caracterizará o *ethos* acadêmico da contemporaneidade.

Logo, não raro, excertos de comentários medievais acabarão consolidados como parte dos textos comentados, e esse é apenas um exemplo da fluidez que esse contexto de transmissão pode admitir. Contudo, por lacunar e multifacetado que possa ser, o trabalho do escoliasta, ou comentador, consiste na primeira e mais persistente empreitada metalinguística na base do sistema intelectual anterior à Era Moderna. Mais do que *documento* de um esquema epistemológico, esse modelo de produção textual é *inerente* à própria epistemologia do sistema.

Os sistemas editoriais (e intelectuais, por conseguinte) anteriores à difusão da imprensa no Ocidente se constituíam sobre teias de transmissão complexas, significativamente mais dependentes da tradição oral e da memória compartilhada entre indivíduos e grupos, sobretudo em um universo em que a escrita e os escritos eram relativamente menos abundantes, inclusive por questões práticas (lentidão na produção das cópias manuscrita, escassez de suportes materiais, dificuldades de preservação). Para fins historiográficos, é de extrema importância levar em conta esse cenário, caracterizado pelo balanço entre o compromisso com a herança textual antiga e a inevitável pertença do comentador a seu próprio momento histórico.

É nesse ambiente que, por exemplo, um códice contendo comentários à gramática de Dionísio Trácio datado do século XIV pode ser considerado a um só tempo uma fonte legítima – ou legitimável – do pensamento desse gramático e um retrato do pensamento do comentador. Há, pois, que considerar aqui uma espécie de duplo contexto que interessa particularmente ao historiógrafo da linguística. Sobretudo porque, se nesse ambiente intelectual não há um rígido esquema de citação e referência equivalente ao contemporâneo, há o peso da *auctoritas*, garantida inicialmente pelos sistemas intelectuais instaurados sobre a relação mestre-discípulo. É nesse sentido que, por exemplo, uma anotação pré-moderna sobre a doutrina de um autor antigo, embora não seja obra desse

autor, será, ainda assim, fonte reconhecida para o estudo e a reconstituição de seu pensamento.

## CAMINHO PARA A CIDADE DAS LETRAS: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS AO TEXTO DO RICCARDIANUS GRAECUS 62

As seções seguintes trazem o texto escólio *Riccardianus graecus 62* (doravante R) à *Tékhne grammatiké* atribuída a Dionísio Trácio em tradução nossa. Os excertos trabalhados seguirão a ordem do original, contudo serão segmentados em blocos temáticos estabelecidos e numerados para fins exclusivamente metodológicos. As notas que se localizam junto aos algarismos iniciais de cada segmento trazem o texto original, segundo a fixação sugerida por Meliadó (2013).

### Funções e instrumentos

<sup>61</sup> As funções (*érga*) da Gramática são ler (*anagignóskein*), corrigir (*diorthóusthai*), explicar (*eksegêisthai*) e fazer a crítica (*krínein*). São chamados seus instrumentos (*órgana*)<sup>62</sup> aqueles aparatos dos quais as artes (*tékhnai*) se valem para executar suas funções. Portanto, os instrumentos da Gramática são os seguintes: o discurso designado técnico (*tekhnikòs lógos*), a história (*história*), a matéria relativa à métrica<sup>63</sup> e o material escrito sobre as glossas<sup>64</sup> (*glossographikón* [l. *glossematikón*]<sup>65</sup>). Isso se não se quiser também designar por história<sup>66</sup> o fato de se indagar se *plotêi eni nésoi* (Od. 10.3) quer dizer a ilha navegante no mar, como interpreta Aristarco, ou a ilha navegável, como afirma Crates; e se *trotós chròs* (Il. 21.568) é o que fere a pele ou o que tem a pele ferida; ou ainda se *chalkôi te rektòs* é aquele que com o cobre<sup>67</sup> dilacera ou aquele que com o cobre é dilacerado, e se *poietás essékhunto púlas* (Il. 12.470) alude às [portas] que foram bem feitas (no processo) e não às que são bem feitas (como resultado), assim como *plotêi* quer dizer a navegável, e não

61 "ἔργα δὲ τῆς γραμματικῆς εἰσι τὸ ἀναγινώσκειν, τὸ διορθοῦσθαι, τὸ ἐξηγεῖσθαι, τὸ κρίνειν. ὄργανα δὲ καλεῖται οἷς προχρῶμεναι αἱ τέχναι τὰ ἐαυτῶν ἔργα ἀποτελοῦσι. γραμματικῆς οὖν ὄργανά εἰσι ταῦτα· ὁ τεχνικὸς καλούμενος λόγος καὶ ἡ ἱστορία καὶ τὸ μετρικόν καὶ τὸ γλωσσογραφικόν (l. γλωσσηματικόν)· εἰ μὴ ἄρα τις καὶ τοῦτο ἱστορίαν ἐθέλει καλεῖν οἷον τὸ "πλωτῆ ἐνὶ νήσῳ" (Od. 10. 3) ζητεῖν πότερον τὴν ἐπιπέδουσαν θαλάσση βούλεται λέγειν, ὡς ὁ Ἀριστάρχος δοξάζει, ἢ τὴν πλεομένην, ὡς Κράτης (Σωκράτης R) λέγει (cf. fr. 49 Brogg.) καὶ τὸ εἶπ. "πρωτὸς γρῶς" (Il. 21. 568) ὁ πηροσκόμενος οὐχ ὁ πηρώσκων, καὶ τὸ "χαλκῶ τε ρηκτὸς" (Il. 13. 323) ὁ ῥηνήμενος οὐχ ὁ ῥήννός, καὶ τὸ "ποιητὰς ἐσέχοντο πύλας" (Il. 12. 470) τὰς εὐ ποιεημένας οὐχὶ τὰς εὐ ποιούσας, καὶ τὸ "πλωτῆ" ἢ πλεομένη οὐχὶ <ἦ> πλέουσα. ἐν δὲ τῷ "μάντι κακῶν οὐ πό <πο>τέ μοι τὸ κρήνον εἶπας" (Il. 1. 106), κατὰ γλώσσαν λέγεται τὸ ζητούμενον. τὸ γὰρ κρήνον οἱ Ἴωνες ἐπὶ ἀγαθῶ λαμβάνουσιν".

62 Em uma acepção literal, *órgana* (pl. de *órganon*) seriam instrumentos. Seu uso vocabular é generalizado e, contudo, gradativamente, no âmbito das artes médicas, passa a se especializar para designar os órgãos responsáveis pelo funcionamento do corpo. Webster (2023) fornece um panorama das mudanças semânticas do termo, trazendo aspectos úteis para abordagens do desenvolvimento do campo metalinguístico, ao observar as relações entre instrumento/órgão e parte de um organismo, metáforas que se projetarão, inclusive, nas visões organicistas da língua na posteridade.

63 No grego τὸ μετρικόν não equivale exatamente a "métrica". Significa, antes, algo próximo a "tudo o que é relativo à métrica". É, portanto, mais abrangente e menos específico. Optamos, diante disso, por não traduzir a expressão simplesmente por "a métrica", a fim de evitar conduzir à suposição de que, para o escoliasta, esse fosse um conceito fechado, ou a designação de uma área.

64 Caso equivalente ao apresentado na nota anterior.

65 Essa é a lição mais corrente em outros escólios à *Tékhne*. O texto de R não segue, nesse ponto, a vertente textual predominante.

66 A divisão em quatro partes é bastante consolidada a essa altura, mas o comentador alude aqui à proposta tripartite atribuída a Asclepiades por Sexto Empírico (*Adv. Math.* I, 252-253). Sob essa acepção, o estudo das glossas seria absorvido pelo das "histórias", responsável por localizar na tradição (mitológica, historiográfica, poética) analogias e fontes que expliquem o sentido de palavras. Os exemplos de versos homéricos citados aqui podem ser elucidados considerando o caráter dialetal de seus escritos ou a semântica particular dos vocábulos (via glossas), ou ainda observando o contexto em que ocorrem na própria obra homérica (via histórias). O escoliasta parece, no entanto, reafirmar a importância da divisão quadripartite que adota, uma vez que, no último exemplo, reforça a necessidade de realizar a exegese via glossas, demonstrando que tal categoria deve se manter individualizada, e não ser absorvida.

67 Metonímia homérica para lanças.

*a navegante. A questão do verso “Adivinho de males, jamais em momento algum me disseste coisa boa (kréguon)” (Il. 1. 106) pode ser resolvida se levadas em conta as glossas<sup>68</sup>, pois os iônicos entendem kréguon por bom.*

Um dos primeiros aspectos relevantes desse excerto é o preenchimento que oferece a uma lacuna textual verificável na canônica coletânea de escólios dionísianos editada por Hilgard (*Grammatici Graeci*, I. 3, 1901). Como aponta Meliadô (2013), o R é o único manuscrito a explicitar as funções (*érga*)<sup>69</sup> da Gramática. Sem dúvida, é evidente o paralelismo conceitual com os *Prolegomena* aos *Scholia Vaticana* publicados por Hilgard (1901, 115-118), em que “as partes (*mére*) da Gramática são quatro: leitura (*anagnóstikón*), correção (*diorthotikón*), explicação (*eksegetikón*) e crítica (*kritikón*)”<sup>70</sup>.

No entanto, aqui estão elencadas partes (e não funções), todas sob a forma de adjetivos substantivados (o que, numa tradução literal resultaria em sintagmas como “o que concerne à leitura”<sup>71</sup>). Em um primeiro momento, seria possível supor certa equivalência entre as *funções* do códice *Riccardianus graecus 62* e as *partes* da Gramática verificáveis nos demais textos dos *Scholia Vaticana*. Contudo, as categorias em que esses conteúdos aparecem dispostos são distintas em ambos os documentos, algo que não convém ignorar. Além disso, em R, as funções são descritas por um infinitivo substantivado. Menos que um automatismo ou demanda da estrutura sintática, a apresentação das funções por essa forma verbal é compatível com o caráter ativo da categoria (afinal, trata-se dos trabalhos que cabe à Gramática realizar). Especificamente para o autor de R, a diferenciação entre formas adjetivas e substantivas parece ser bastante significativa. Na seção seguinte, isso será literalmente declarado, e o escoliasta fará questão de destacar a distinção entre, por exemplo, *a compreensão* e *o compreender*.

Nesse movimento, ele reforça uma semântica já presente na gramática da língua: o uso substantivado do adjetivo neutro, construção bastante comum em grego antigo, traz um sentido de “tudo o que concerne a”, “o relativo a” determinado assunto. A opção pelo infinitivo pode, então, destacar intencionalmente nuances semânticas de ação, ou fluxo – em oposição à estaticidade sugerida pela substantivação.

Diante disso, é possível observar que, por meio de sutis particularizações do conteúdo estabelecido na tradição, o texto desse escólio parece se voltar à abordagem dos processos. As funções que procura apresentar como ações são, de fato, *trabalho* da gramática, que por sua vez é um saber das letras (*grámmata*) – portanto, necessariamente vinculado à tradição escrita. Essa concepção subliminar pode estar, inclusive, vinculada ao surgimento do *hápax legomenon* verificado

68 *Glossa* é termo homófono ao do original grego. Na tradição gramatical, no próprio texto de Dionísio Trácio e já antes, designa os termos pouco correntes, pertencentes a outro dialeto, ou a variedade diacronicamente distante. Também alude a termos específicos da literatura, usados em contextos raros, pelos poetas e prosadores. Aqui, o sentido mais corrente de *kréguon* é *útil, adequado*. Teria havido em algum momento a sobreposição de um sentido de *verdadeiro* no grego homérico, de base jônica. Também nesse dialeto, o mesmo termo ganha o sentido de *bom, digno de valor* (cf. LSJ, *κρήγυος*).

69 O gramático latino Diomedes (ca. IV d.C.) apresenta um conteúdo bastante similar, que ele atribui a Varrão: “As funções da gramática, como se vê em Varrão, são quatro: leitura, explicação, correção e crítica”. No original: “*Grammaticae officia, ut adserit Varro, constant in partibus quattuor, lectione, enarratione, emendatione, iudicio*” (GL 1, p. 426). Vale observar aqui que Varrão teria recebido influências da gramática estoica. Do mesmo modo, o *Riccardianus graecus 62* remete a essa doutrina. Ainda que não se assuma ou localize um ponto de contato objetivo entre Diomedes e o escoliasta em questão, é possível conceber que a concepção das “funções da gramática” tenha recebido especial atenção dentro dessa corrente filosófica. Observe-se, porém, que apenas o texto desse escólio emprega formas verbais na apresentação dessas funções.

70 “*Μέρη δὲ τῆς γραμματικῆς εἰσι τέσσαρα, ἀναγνωστικόν, διορθωτικόν, ἐξηγητικόν, κριτικόν.*”

71 Ou, literalmente, “o leitural”.

nesse original: *glossographikón*, aproximadamente “o que é referente ao *trabalho escrito com as glossas*”. Outros lugares dessa tradição textual trazem *glossematikón*<sup>72</sup>, “o trabalho com as glossas”, simplesmente. Meliadò (2013, p. 160) sugere, inclusive, emendar o texto de R adotando essa segunda forma, mais difundida e persistente na tradição – o que, sob a perspectiva da edótica, realmente, faz pleno sentido.

Porém, sobretudo por pertencer provavelmente a um ramo distinto do *stemma codice*, o texto do nosso comentador pode contar com algum grau de intencionalidade ao optar por um termo que evidencie (por meio do emprego do radical *graph-*) o aspecto escrito da tarefa gramatical. Observe-se que essa ênfase destaca noções como a de fonte e registro, inerentes ao ambiente gráfico, das “letras” escritas. Com isso, pode-se estar reforçando uma individuação da disciplina gramatical ante as práticas da retórica, cujo núcleo é a fala, na oratória. Sob esse escoliasta, o caráter instrumentalizador e ancilar muitas vezes atribuído à Gramática ante as demais disciplinas do *trivium* parece, então, dar lugar a um certo protagonismo.

É fato que nesses caminhos de retransmissão, em que registros gráficos concorrem livremente com textos de um acervo de informações memorizadas, oscilações como *glossographikón/glossematikón* podem não passar de um lapso da memória, sempre tão suscetível a analogias, paronomásias, aproximações e afins. Mas tal possibilidade fica mais remota à medida que se verifica que *glossematikós* era já termo consolidado dentro da metodologia de análise filológica que pautava a práxis exegetica nos ambientes religiosos cristãos, sobretudo no âmbito, consideravelmente vasto e difundido, dos estudos bíblicos (Berglund, 2016).

É provável, portanto, que fosse um termo bastante conhecido do escoliasta. Diante disso, seria ingênuo encarar a troca de *glossematikós* por *glossographikón* como simples confusão, incidente inócuo, ou imotivado. O segundo termo expressa uma dimensão escrita que, ao ser evidenciada pelo comentador, pode contar muito sobre as concepções de metalinguagem vigentes em seu contexto. É possível ler tal escolha como indicio da consciência da escrita como material metalingüístico. Trata-se de uma concepção que não é, como se verá, alheia ao restante do excerto, e talvez nem à práxis do comentador autor de R, que se assume também como um *grammatikós* (ver seção III). “*Graphôn paragráphet*”<sup>73</sup>, afinal: o escritor muitas vezes *escreve em paralelo*, erra ou altera e, assim, inscreve-se no texto que transcreve.

A própria nomenclatura atribuída a um dos *instrumentos (órgana)* da Gramática aqui corrobora essa visão: em lugar da forma mais usual, *tekhnikón* (“o que concerne à técnica ou à disciplina”)<sup>74</sup>, o texto traz *lógos tekhnikós (discurso técnico)*. Com essa substituição, o escoliasta fornece uma visão objetiva da metalinguagem como ferramenta da sua *tékhnē*: é um tipo específico de *lógos* que instrumentaliza o estudo do próprio *lógos* como um todo.

72 *Glossematikón (Γλωσσηματικόν)* é o que se verifica nos vários escólios compilados no *Scholia in Dionysii Thracis artem grammaticam recensuit et apparatus criticum indicesque adiecit Alfredus Hilgard* (1901). É a lição que está, por exemplo, nas seguintes partes dessa compilação: no *Commentarius Melampodis seu Diomedis* (cod. C) (l. 3-6, p. 12); no *Scholia Vaticana* (cod. C) (l. 8-14, p. 115, e l. 9-11, p. 164) e nos *Commentariolus Byzantinus* (p. 578).

73 “*Γράφον [...] παραγράφει*”, “o escritor vacila”, é uma fórmula retórica de humildade recorrente entre copistas e comentadores do sul da Itália, por volta do século XIII. Assinalar isso em seus manuscritos era uma forma de pedir perdão pelos eventuais lapsos próprios da profissão (ver Janz, s. d.).

74 Lição corrente nos demais escólios compilados por Hilgard (1901).

Operando com a elasticidade semântica do termo *lógos* (que pode significar concomitantemente de *palavra* a *sentença*, passando por *razão* e *pensamento*), essa passagem pode aludir tanto a uma terminologia própria quanto a um arcaísmo conceitual específico a ser mobilizado no exercício das funções da Gramática. Há ainda que considerar que, ao atribuir à disciplina um *lógos* instrumental próprio, o escoliasta cria um paralelo com pontos bastante demarcados da tradição. A Filosofia, a essa altura, já consagrara uma série de “termos técnicos”, por assim dizer, semelhantes: o *lógos endiáthetos* (do coração, interno) e o *lógos prophorikós* (exterior) da doutrina estoica (*Adv. Math.* VIII, 275) são bons exemplos.

No circuito intelectual peripatético, estava também consolidado o emprego do *lógos apophantikós*, de Aristóteles, que permanece na terminologia do estudo das assertivas até hoje<sup>75</sup>. Em que medida o *lógos tekhnikós* presente em R representa um refinamento capaz de refletir uma consciência da metalinguagem técnica como caracterizadora de uma disciplina do conhecimento, é difícil precisar. Contudo, seria, na mesma medida, ingênuo admiti-lo, indiferentemente, como mero sinônimo de *tekhnikón*. O escoliasta dá nominalmente à disciplina gramatical um *lógos* próprio, o que de certa forma se não denota a atribuição de uma terminologia particular, ao menos coloca a disciplina em pé de igualdade com a Dialética e, notavelmente, com a Filosofia.

### Compreensão, causa e fim

*Ἦ<sup>76</sup> Ἐνδεδειγμένον ἵνα γινώσκῃς ὅτι τὸ φωνητικὸν αἰτίον ἐστὶ τῶν γραμμάτων, τὰ γράμματα τῶν συλλαβῶν, αἱ συλλαβαὶ τῶν λέξεων, αἱ λέξεις τῶν λόγων, ὁ λόγος τῶν αὐτῶν μερῶν. τέλος δὲ <ἐστίν> ἐφ’ ᾧ συνερροῦσθαι πάντα τὰ τῆς τέχνης θεωρήματα: τῆς οὖν γραμματικῆς τέλος ἐστὶν ἡ κατάληψις τῆς οὐσίας καὶ τῆς ποιότητος (ποσότητος R) τοῦ γενικοῦ λόγου. μίποτε δὲ ἀμεῖνον οὐ κατάληψιν, ἀλλὰ τὸ καταλαμβάνεσθαι λέγειν εἶναι τέλος τῆς γραμματικῆς, ἀληθὲς γὰρ ἦν ὃ ἔλεγον οἱ Στωικοὶ ἐν τῷ λόγῳ τῷ περὶ τῶν τεχνῶν (fr. nov.?) ὅτι τὰ τέλη τῶν τεχνῶν κατηγορηματὰ εἰσι, τούτους ῥήματα – κατηγορήματα γὰρ τὰ ῥήματα ἐκάλεον οἱ Στωικοὶ ἐν τῷ Περὶ τῶν τεχνῶν – οἷον τῆς ἰατρικῆς οὐχ ἡ ὑγεία (οὐχ ἡγεία R) τέλος, ἀλλὰ τὸ ὑποκοπεῖν, ὅπερ ἐστὶ ῥήμα, καὶ τῆς ῥητορικῆς οὐχ ἡπειθὸς τέλος, ἀλλὰ τὸ πείθειν, ὅπερ ἐστὶ ῥήμα, οὕτως οὖν καὶ τὸ τέλος τοῦ γενικοῦ λόγου ἐστὶ οὐχ ἡ κατάληψις, ἀλλὰ τὸ καταλαμβάνεσθαι (καταίαβεσθαι R).”*

*Ou melhor: não a compreensão, mas o compreender, é o propósito da Gramática. Na verdade, era o que os estoicos diziam no seu Tratado sobre as artes: que a finalidade das tékhnai são os predicados (kategorémata)<sup>81</sup>, ou seja, os verbos*

<sup>75</sup> Para uma análise desses termos em contextos linguístico-filosóficos da Antiguidade, ver Ildefonse (2023).

<sup>76</sup> “ἵστέον δὲ καὶ οἱ ἡ ἀπλῶς φωνῆ αἰτία ἐστὶ γραμμάτων, τὰ γράμματα τῶν συλλαβῶν, αἱ συλλαβαὶ τῶν λέξεων, αἱ λέξεις τῶν λόγων, ὁ λόγος τῶν αὐτῶν μερῶν. τέλος δὲ <ἐστίν> ἐφ’ ᾧ συνερροῦσθαι πάντα τὰ τῆς τέχνης θεωρήματα: τῆς οὖν γραμματικῆς τέλος ἐστὶν ἡ κατάληψις τῆς οὐσίας καὶ τῆς ποιότητος (ποσότητος R) τοῦ γενικοῦ λόγου. μίποτε δὲ ἀμεῖνον οὐ κατάληψιν, ἀλλὰ τὸ καταλαμβάνεσθαι λέγειν εἶναι τέλος τῆς γραμματικῆς, ἀληθὲς γὰρ ἦν ὃ ἔλεγον οἱ Στωικοὶ ἐν τῷ λόγῳ τῷ περὶ τῶν τεχνῶν (fr. nov.?) ὅτι τὰ τέλη τῶν τεχνῶν κατηγορηματὰ εἰσι, τούτους ῥήματα – κατηγορήματα γὰρ τὰ ῥήματα ἐκάλεον οἱ Στωικοὶ ἐν τῷ Περὶ τῶν τεχνῶν – οἷον τῆς ἰατρικῆς οὐχ ἡ ὑγεία (οὐχ ἡγεία R) τέλος, ἀλλὰ τὸ ὑποκοπεῖν, ὅπερ ἐστὶ ῥήμα, καὶ τῆς ῥητορικῆς οὐχ ἡπειθὸς τέλος, ἀλλὰ τὸ πείθειν, ὅπερ ἐστὶ ῥήμα, οὕτως οὖν καὶ τὸ τέλος τοῦ γενικοῦ λόγου ἐστὶ οὐχ ἡ κατάληψις, ἀλλὰ τὸ καταλαμβάνεσθαι (καταίαβεσθαι R).”

<sup>77</sup> Aqui entenderemos *aítia* no sentido aristotélico lato, segundo o qual dar causa a algo é entendido como “provocar-lhe a existência”. As quatro causas aristotélicas são conteúdo significativo de sua doutrina e são exploradas em diversos pontos do *corpus* aristotélico: *Phys.* II.3; *Metaph.* Δ.3; *Metaph.* Δ.2 e *Part. An.* 639b12ff, a exemplo. Para uma discussão clássica das noções antigas de *aítia* e *aítion*, ver Frede (1987).

<sup>78</sup> É usual, na tradução dos usos de *theoría* e seus cognatos, recorrer a termos que resgatem, em alguma medida, a concepção original de *percepção contemplativa*. Isso evita sobrepor ao termo acepções contemporâneas de *teoría*, que implicariam uma distorção anacrônica. Contudo, a opção por teorizar nos parece adequada, uma vez que é aceitável no uso corrente, não técnico.

<sup>79</sup> Ao passo que é possível traduzir *katálepsis* (κατάληψις) por *conhecimento* é também arriscado. Na doutrina estoica há alusão à *katálepsis* imprecisa. *Compreensão* e *apreensão* são também possibilidades. No entanto, o aspecto importante para as considerações desenvolvidas neste artigo admitir a *katálepsis* estoica como um estado epistemológico, que passa pela percepção (ou a admite como parte do processo) para chegar ao conhecimento, *epistémē* (Shogry, 2019). Para relações com sistemas epistemológicos platônicos e aristotélicos, ver Sedley (1992).

<sup>80</sup> No original, *lógos genikós*. Novamente, como no excerto anterior, o escoliasta recorre à estrutura análoga às especificações tipológicas do *lógos* já firmadas na tradição (*lógos* + adjetivo).

<sup>81</sup> A noção estoica de verbo pode ser resumida nestas palavras de Blank e Atherton (2003, p. 312): “Os textos sobreviventes [dos estoicos] abordam a sintaxe por meio da definição de dois constituintes principais da proposição: o caso, ou *ptósis* (por exemplo, *homem*, *Sócrates*) e o predicado ou *katégorema* (por exemplo, *escreve*, *vê*), que são definidos como um *lékton* incompleto. [...]”

(*rhémata*), pois os estoicos chamam os predicados de verbos no *Sobre as artes*. Do mesmo modo que a finalidade da Medicina<sup>82</sup> não é a saúde, mas o curar, ou seja, é o verbo (*rhêma*); e a finalidade da Retórica não é a persuasão, mas persuadir, isto é, o verbo (*rhêma*), assim, então, a finalidade do discurso (*lógos*) em geral não é a compreensão (*katálepsis*), mas o compreender (*katalanbánesthai*).

Esse trecho permite inferir que o escoliasta domine uma série de conhecimentos metalingüísticos consideravelmente sofisticados, não exatamente comuns para o contexto de sua época. Isso fica evidente em detalhes pontuais que subvertem o conteúdo consolidado pela tradição. O excerto se abre mencionando aquilo que hoje entenderíamos como dupla articulação da língua. Por si, essa sucessão de elementos que se organizam nível a nível<sup>83</sup>, geralmente apresentada sob a forma de lista, é recorrente nas discussões sobre linguagem desde a Antiguidade. É com base nela, por exemplo, que se estabelecem as seções do manual atribuído a Dionísio Trácio (elemento ordenado > sílaba > palavra (*léksis*) > partes discurso (*lógos*)<sup>84</sup>. Porém, alguns aspectos verificados na abordagem do tema em R se afastam do lugar-comum.

O termo *phoné*<sup>85</sup> designa voz, tanto humana como de animais. Aqui, vem especificado pelo adjetivo *haplôs*. A opção consagrada, já a partir dos *corpora* platônico e aristotélico, para designar esse segmento mínimo da fala é *stoicheion*, o “elemento ordenado”. Inclusive, essa é a opção verificada em Dionísio Trácio no capítulo que destina ao tema (*Tékhnē*, VI). Trata-se, porém, de termo absolutamente polissêmico, compartilhado na designação de conceitos das mais diversas áreas do saber: pontos geométricos, estrelas em uma constelação, notas em uma composição musical (cevedo, 2018).

Contrapondo-se a esse generalismo, o escoliasta de R opta, então, pela designação *fone simples* (*haplôs phoné*), sintagma autoexplicativo e, portanto, menos ambíguo. É esse som vozeado, partícula discreta da língua falada, que, em sentido notavelmente aristotélico, dá causa (*aitía*) às letras. Seja qual for o tipo de raciocínio fonético que esteja empregado nessa reflexão, implica um salto metalingüístico importante. Ainda que Platão e Aristóteles já pareçam articular de alguma forma a diferença entre *stoicheion* e *grámmata*, partículas mínimas da fala e da escrita, respectivamente<sup>86</sup>, ao postular que um som da voz dá origem à

Um predicado verbal simples (por exemplo, *andá*) ou a parte verbal de um predicado composto (por exemplo, *bate*) é o que se entende por verbo (*rhêma*), uma das cinco partes estoicas do discurso” (“*Surviving accounts approach syntax by identifying the proposition’s two principal constituents: the ‘case’ or ptósis (e.g., ‘man’, ‘Socrates’), and the ‘predicate’ or katégorêma (e.g., ‘writes’, ‘sees’) which is defined as an incomplete lekton. [...] A ‘non-compound’, verbal, predicate (e.g., ‘walks’) or the verbal portion of a ‘compound’ predicate (e.g., ‘hits’) is what is signified by a ‘verb’ (rhêma), one of the five Stoic parts of speech*”).

- 82 O paralelo objetivo com a Medicina ecoa uma prática bastante antiga, que era bilateral, partia de ambas as disciplinas. O *corpus* Hipocrático, no *De diaeta* (ca. 400 a.C.) traz uma definição de Gramática (*γραμματική*): “Assim é a Gramática: a sintaxe das figuras, os sinais da voz humana, a capacidade de lembrar coisas passadas e apontar coisas ainda a realizar” (“*Γραμματική τοῖονδε: σχημάτων σύνθεσις, σημῖα φωνῆς ἀθροιστῆς, δυνάμις τὰ παροιχόμενα μνημονεῖσαι, τὰ ποιητέα δηλώσαι*”) (Hippocr. Diaet. 1,23). É provável que *gramática* esteja sendo concebida apenas como sinônimo de “escrita”, mas há que considerar o interesse e a valorização voltados para o tema nesse material atribuído a Hipócrates.
- 83 Já em Aristóteles se verifica: “As partes da expressão completa (*léksis*) são o elemento ordenado, a sílaba, a conjunção, o nome, verbo, artigo, declinação e o *lógos*” (“*Τῆς δὲ λέξεως ἀπάσης τὰδ’ ἐστὶ τὰ μέρη, στοιχεῖον, συλλαβή, σύνδεσμος, ὄνομα, ῥήμα, ἄρθρον, πτώσις, λόγος*”) (*Poetica*. XX, 1, 1456b, 20-21).
- 84 De acordo com o texto da *Tékhnē grammatiké* (G. G. 1, 1) fixado por Uhlig em 1883, ou as traduções para português de Chapanski (2003) e Martinho (2007).
- 85 Possível alusão ao endereçamento desse elemento no tratado estoico *Peri phonés* (*Τέχνη περὶ φωνῆς*) do qual só resta hoje a menção, em vinculação a esse universo filosófico recorrente no escolio. Porém, adiante, o escoliasta utilizará *stoicheion*. Ao empregar em pontos diferentes de seu texto tais potenciais sinônimos, escolhe separá-los de acordo com o conteúdo que aborda. Isso aponta para um tratamento distintivo das esferas do oral e do escrito.
- 86 Ver, em Aristóteles, *Poet.* 20.1456b; *Gen. an.* 1 18.722<sup>a</sup> 33; *Metaph.* IV 3.1014<sup>a</sup> 26–31, e, em Platão, *Philb.* 18c e *Cra.* 424c5–d4, por exemplo.

letra, o escoliasta de R mobiliza uma noção implícita de primazia: há primeiro um elemento vocal, que, por sua vez, faz existir seu correspondente gráfico.

Talvez esse comentador esteja tão somente articulando um conceito intuitivo de representação, o que já seria um passo significativo em seu contexto. Mais nítidos, porém, são os contornos de um raciocínio claramente metalinguístico. Entendidos como fatores composicionais que se organizam em conjuntos, nível a nível, no *crescendo* de formantes do *lógos*, fone e letra não ocupam o mesmo estrato. Só isso já transcende a concepção elementar de itens que se combinam em blocos sucessivamente para formar o próximo nível. O fone, na fala, da causa à letra e, a partir daí, abriria uma dimensão metalinguística, a da escrita, com seu circuito de conhecimentos, a *grammatiké*.

Obviamente, não se trata de querer imputar a um estudioso do século XIII graus de consciência metalinguística compatíveis com expectativas contemporâneas. Ainda assim, uma série de particularidades nesse excerto aponta para um domínio dessa dimensão que, apesar de *avant la lettre*, parece estar intencionalmente demonstrado. Esse movimento é evidente na afirmação de que é o *lógos* completo que dá causa às suas partes. Além de consistir em uma inversão do raciocínio básico da simples soma de blocos, do menor para o maior, essa perspectiva só é possível dentro do espectro das metarreflexões linguísticas. Mais do que apenas pedaços a serem justapostos, as partes do discurso/oração (*lógos*) só passam a poder ser admitidas uma vez pressuposto o discurso em si. E aqui, inclusive, elas não são um simples equivalente para *palavras* (como se poderia presumir pela disposição apresentada na *Tékhnē* dionisiana, por exemplo).

A mereologia aristotélica, já naturalmente visível na base das abordagens antigas do todo/parte na linguagem, ganha aqui um sensível aprofundamento. Assim como o *todo* aristotélico, o *lógos* não pode ser sem suas partes. Do mesmo modo, essas não podem ser senão a partir do todo. Isto é: só poderão definir-se as partes do discurso em seus papéis (morfofossintáticos, para empregar termos atuais), uma vez concebidas sob suas relações e funções, ante os demais componentes oracionais na conformação do sentido de uma totalidade semântico-discursiva. Um equivalente contemporâneo aproximado para tal raciocínio estaria em dizer que, para estabelecer funções morfofossintáticas, é necessário observar a oração e conceber o papel dos componentes entre si, dentro dela.

Apesar de estabelecidas em R sob a dinâmica aristotélica das causas (expressa por meio do recurso ao termo *aitía*), as relações dos grupos que se sucedem até o nível da palavra refletem ainda uma duplicidade comum às abordagens antigas do tema: critérios que se poderiam entender como fonéticos, ou eventualmente morfofossintáticos, não se dissociam dos puramente gráficos: as *letras* dão causa às sílabas, e as sílabas dão causa às palavras, que, por sua vez, dão causa ao discurso.

Contudo, há um aspecto peculiar na abordagem do escoliasta: o próprio discurso seria causa (*eficiente*, para pensar em termos da teoria aristotélica) de suas partes. Tal opção textual dá contornos sintáticos à sua reflexão, ao estabelecer uma espécie de reversão do *crescendo* sob o qual se vinham apresentando os elementos, e sem dúvida escapa à lógica elementar da adição de blocos<sup>87</sup>. Se é o

87 Observa-se que, ao realizar essa inversão, o escoliasta tange uma estrutura fixa e permanente na tradição a ponto de figurar ainda hoje na estrutura dos manuais de gramática, que comumente adotam a sequência fonética/fonologia, morfologia, classes de palavras/estudos da oração, nessa ordem.

*lógos* que dá causa a suas partes, essas só podem ser caracterizadas de fato como tal, uma vez flagradas em sua relação entre si, como constituintes desse *lógos*. Afinal, é apenas nesse papel que uma conjunção (*súndesmos*), por exemplo, pode exercer sua função (lógica e/ou discursiva) de conectar e, assim, ser admitida como fração individualizável, mas necessariamente integrante do discurso (*méros tou lógou*)<sup>88</sup>.

Outro diálogo filosófico a considerar nesse trecho é manifesto na utilização de *katálepsis* para designar a compreensão (via leitura), que se configura como propósito da Gramática. Embora o termo faça parte do vocabulário comum do grego, tanto antigo quanto bizantino, é também consolidado como designação de um conceito-chave para o estoicismo. A *katálepsis* (*κατάληψις*)<sup>89</sup> estoica é um estágio de percepção experienciada, necessário para se chegar à plenitude do conhecimento, à *epistème* (*ἐπιστήμη*). Seu surgimento no texto de R vem acompanhado de outras alusões a esse movimento filosófico, que será nominalmente evocado aqui e ressurgirá na seção V, por meio da menção a Crisipo, um dos máximos expoentes dessa escola.

Para além do ato de entender, a *katálepsis* estoica é um estado epistêmico calcado na vivência e anterior à absoluta abstração totalizante da *epistème*. É essa a noção que o escoliasta projeta sobre o fazer gramatical: seu *télos*, finalidade ou propósito, é a ação de realizar a *katálepsis* representada aqui pela forma verbal infinitiva (*καταλαμβάνεσθαι*), cujo uso em lugar do substantivo abstrato o autor faz questão de destacar, inclusive. A ênfase na designação das finalidades da Gramática e da Medicina (ambas *tékhnai*) por formas verbais denota o esforço do escoliasta em caracterizar as dimensões práticas e processuais dessas disciplinas. A *grammatiké* existe, pois, em nome do exercício de compreender.

Já por meio da clara vinculação intertextual de *katálepsis* aos aspectos específicos de sua aceção sob a doutrina estoica (em que é processo experiencial e essencialmente ativo), manifesta-se um entendimento de gramática bastante coerente com o estatuto das *tékhnai*, ou disciplinas aplicadas. Cabe lembrar que o texto de R é justamente o comentário a uma obra canônica<sup>90</sup> da área, pertencente ao gênero de manuais destinados a compilar esse tipo de conhecimentos, a *Tékhne grammatiké* atribuída a Dionísio Trácio. Essa mesma natureza prática perceptível na *katálepsis* estoica e nas *tékhnai* antigas será consistentemente retomada na seção V de R, na qual o estudante é comparado a um viajor que, ao buscar saber, perfaz a jornada do conhecimento. Essa viagem, algo que também só se faz pela prática e pela experiência, é provisionada pela Gramática, o exercício vivenciado das letras.

88 A mereologia (do grego *μέρος*, "parte") aborda as relações parte-todo, todo-parte e entre as partes de um todo. Apesar de consolidada sob Aristóteles (aparecendo na *Metafísica*, na *Física*, em *Tópicos* e em *A geração dos animais*), já se encontram discussões mereológicas na filosofia pré-socrática, em Platão (classicamente no *Parmênides* e no *Teeteto*). Esse arcabouço conceitual foi de extrema importância para a reflexão de aspectos linguísticos sob a doutrina escolástica e nos estudos semânticos vinculados à lógica matemática, como o dos quantificadores. Apesar de não fazer parte das discussões mereológicas mais canônicas, a reflexão aristotélica sobre as partes na composição dos organismos vivos compartilha do raciocínio empregado pelo escoliasta. Em *A geração dos animais*, Aristóteles afirma que, não sendo sistemas aditivos, os organismos não podem ser constituídos pela mera soma de suas partes, nem mesmo pode haver partes desse organismo antes que ele logre existência (*Gen. An.* 722a16-b3).

89 A apreensão estoica (*katálepsis*) é algo próximo do que usualmente se entende por "conhecimento" (a exemplo, Annas, 1990). Ela estaria sob uma forma de conhecimento maior, porém, a *epistème*, representada nessa doutrina por uma espécie de sabedoria ou conhecimento experienciado. Ainda assim, a *katálepsis* estaria no centro do sistema epistemológico estoico (Navar, 2014). Para relações entre *katálepsis*, sistemas epistemológicos e racionalismo, ver Bronowski (2016).

90 Embora, no contexto latino predominante a oeste da Europa na Idade Média, as referências fossem Donato e Prisciano, os escoliastas em questão fazem parte do contexto bizantino, notavelmente voltado para o modelo grego e, inclusive, responsável pela reintrodução de diversas obras da antiguidade helênica no cânone "ocidental" a partir de seu contato com o norte da Itália, por volta do século XIV.

Nesse escólio, uma série de elementos converge para posicionar as dinâmicas intelectuais como tributárias dos estudos (meta)linguísticos. Esses, por sua vez, estariam inscritos em um circuito epistêmico em que a práxis interpretativa e produtiva de conteúdos escritos é indispensável. Apoiado sobre uma base peripatética e mobilizando a visão do conhecimento estoica, que não minora a apreensão da realidade fática, mas, antes, a admite como parte do processo (Shogry, 2021), o modelo epistêmico flagrável no texto do R contrapõe-se em grande medida ao platônico, que prioriza o ideal, o abstrato, o pensar puro. Vale lembrar que este último é, por exemplo, o manifesto em Marciano Capela, por meio do prestígio atribuído à Geometria em detrimento das demais disciplinas, particularmente da Gramática. Ter em mente tal mudança de concepção epistemológica será importante para a hipótese de análise que ora propomos para o texto de R.

### Gramática: a grande e a pequena

III<sup>91</sup> É necessário saber que se tem nominado de **pequena** a Gramática referente à arte dos hoje assim chamados professores (*didáskaloi*). Os atenienses chamam de **estudante de letras** (*paidárimon grammatikón*) o aprendiz de Gramática e de **copo de letras** (*potérion grammatikón*) o copo com letras grafadas. Assim fala Platão no **Filebo**: “Eis o que faz cada um de nós gramático<sup>92</sup> (*grammatikón*): conhecer as letras”.

O adjetivo *grammatikós* surge aqui indistintamente aplicado a um aprendiz e a um copo<sup>93</sup>. O que pode parecer discrepância ou mera aleatoriedade, contudo, é fator revelador do repertório epistemológico mobilizado nesse excerto. Sem dúvida, o sentido admitido no primeiro caso aponta para um emprego adjetival que evoca um objeto (a disciplina, no caso, a Gramática) externo ao elemento qualificado (o jovem estudante). Em contrapartida, no caso do copo, o sentido de *grammatikós* é estritamente descritivo do próprio elemento qualificado, inscrevendo-se em seu corpo. O copo é “de letras”, “com letras”, porque nele as letras de fato se inscrevem<sup>94</sup>.

A imagem do copo (em suas variantes, como “taça”, “cratera”) conta com uma presença significativa na vasta tradição homérica. Ao lado do escudo de Aquiles (*Il.* XVIII, 478-608), a copa de Nestor (*Il.* XI, 632-637) é um dos objetos míticos presentes nesse ciclo épico que adquire existência particular na cultura subsequente (Gaunt 2017, a exemplo). Uma anedota garante que o próprio Dionísio Trácio teria se unido a seus discípulos para financiar uma réplica dessa taça (*Deipnosophistae*, 489, 492, 501). O recurso a ela no texto de R é, pois, alusivo

91 “ιστέον δὲ ὅτι κέχρηται τῆς γραμματικῆς τῷ ὀνόματι τῆς μικρᾶς τῆς σημαυμένης τὴν τέχνην τῶν νῦν καλομένων διδασκάλων. οἱ Ἀθηναῖοι παιδάριον γὰρ γραμματικὸν λέγουσι τὸ γράμματα μεμαθηκός, καὶ ποτήριον γραμματικὸν τὸ γράμματα ἐντετυπωμένα ἔχον. οὗτο δὲ καὶ Πλάτων ἐν Φιλήβῳ (17b): “τοῦτό ἐστι τὸ γραμματικὸν ἕκαστον ἡμῶν ποιῶν”, τὸ γράμματα εἰδέναι.”

92 Literalmente, “grammatical”.

93 Exatamente a mesma designação surge em Ateneu: “Vimos uma taça de letras consagrada a Ártemis em Cápua da Campânia. Com base no épico homéricos fora fabricada, toda em prata, com versos gravados em letras de ouro, como a de Nestor” (“τοιοῦτον εἶδον ποτήριον γραμματικὸν ἀνακείμενον ἐν Καπύῃ τῆς Καμπανίας τῇ Ἀρτέμιδι, ἀργυροῦν, ἐκ τῶν Ὀμηρικῶν ἐπιπέδων κατασκευασμένον καὶ ἐντετυπωμένα ἔχον τὰ ἐπιχρυσῶσις γράμματα, ὡς τὸ Νέστορος ὄν” (*Deipnosophistae*, XI, 466e). O emprego dessa combinação está longe de ser uma excentricidade do escoliasta. É, antes, alusão a um objeto comum e a um sintagma consagrado. Estudando esse tipo específico de produção cerâmica, Maria Nasioula (2017) sugere a aplicação do plural *γραμματικά ποτήρια*, “copos de letras”, para designar um tipo específico de vasos em relevo do período helenístico, nos quais se inscrevem cenas e sentenças narrativas.

94 Em uma aproximação tradutória, seria possível dizer que o sentido seria semelhante ao que se verifica no sintagma *vestido de bolinhas*.

ao característico trabalho do gramático com tópicos homéricas<sup>95</sup>. Além disso, até o período clássico grego, era comum que copas de simpósio tivessem inscrições e entalhes de diversa ordem, gravados em seu material, cerâmico ou metálico, geralmente. Não à toa, o verbo que surge no texto para designar a gravação das letras é *entupóo* (ἐντυπώω), empregado para designar de fato o processo de gravar ou, por força mecânica, realizar engaste, impressão<sup>96</sup>. Assim como se inscrevem na matéria do copo, as letras devem ser marcadas no aprendiz<sup>97</sup>.

A partir dessa imagem, o escoliasta desdobra uma espécie de explicação autor-referente. Ao tecer observações à *tékhnē* dionisiana, ilustra um trabalho tipicamente atribuído ao gramático, o da exegese analítica do cânone poético. Ao mesmo tempo, porém, parece querer deixar claro o trabalho necessário para chegar ao domínio dos conteúdos a serem empregados nessa tarefa. Para decifrar o tropo da taça gravada de Nestor, o estudante de Gramática precisa ter também as letras gravadas em si. Essa metáfora alude ao paradigma pedagógico e mnemônico vigente ainda no contexto do escólio e vigente desde a Antiguidade.

O próprio *Filebo* platônico citado no texto traz abordagem temática e sintática semelhante (*Phil.* 17b8-9): questiona como podemos proceder para que cada um de nós possa (em uma tradução literal) “se fazer relativo” a “o que há de gramatical (*tò grammatikón*)”<sup>98</sup>. Em Platão, como em R, essa forma adjetival recorre sob a ideia de *imbuir-se* das letras, *fazer-se letrado*. Essa perspectiva coaduna-se à concepção corrente de que a memorização dependia da inscrição dos conteúdos ao indivíduo (ver nota 97), algo que, por sua vez, retoma a necessidade de efetivamente praticar os conhecimentos gramaticais, tantas vezes pontuada ao longo do texto de R.

Em um primeiro momento, o escoliasta parece encarregar o *didáskalos* do processo de gravar letras e conhecimentos na memória dos estudantes. Contudo, ao dar conselhos metaexplicativos de sua profissão, não deixa, ele também<sup>99</sup>, de fazê-lo. Isso será particularmente importante na leitura proposta por esse escoliasta sobre o papel da *pequena gramática*. O autor de R não a posiciona como inferior à *grande gramática*. Embora tal juízo valorativo não seja alheio nem aos ambientes antigos nem à contemporaneidade<sup>100</sup>, a distinção entre grande e pequena Gramática, conforme apresentada no manuscrito, pauta-se na questão de abrangência ou natureza do escopo das duas faces da disciplina.

95 Para a vinculação estreita desse tipo de copo com a prática do gramático e, mais especificamente à Gramática (*γραμματική τέχνη*), ver Nasioula (2017). Nesse artigo a autora dá especial atenção ao caso de Dionísio Trácio.

96 ἐντυπ-όω. LSJ. In: <https://logeion.uchicago.edu/ἐντυπώω>

97 Trata-se de ideia não alheia aos contextos da memória, desde a Antiguidade, que emerge também em outra das anedotas sobre Dionísio Trácio: “Aquele Dionísio Trácio era o discípulo de Aristarco que, tendo retratado seu professor, desenhou-lhe sobre o coração um rolo de tragédia, visto que esse havia decorado uma tragédia inteira” (“ἐκεῖνος [Διονύσιος ὁ Θραξ] μὲν γὰρ μαθητὴς ἦν Ἀριστάρχου, ὃς καὶ τὸν ἑαυτοῦ διδάσκαλον ζωγραφῆσας ἐν τῷ στήθει αὐτοῦ τὴν τραγῳδίαν ἐξογράφησε διὰ τὸ ἀποστηθίζειν αὐτὸν πᾶσαν τὴν τραγῳδίαν” (*Anecdota graeca*. Ed. Bekker, p. 672). Aqui outra vez se verifica a ideia de grafar (ou gravar) sobre o coração. Metaforicamente, o jogo verbal que remete ao “colocar no coração/peito” surge aqui como sinônimo de memorizar, decorar. A expressão *apó stéthous* (ἀπὸ στήθους) quer dizer “citar de memória” e aparece, inclusive, nos vasos gramaticais (Nasioula, 2017). Ela é retomada nesse excerto por meio do verbo *ἀποστηθίζω*, “guardar no coração” (aqui no sentido de “sede da memória”), ou, literalmente, “saber de cor” (segundo uma expressão do português que guarda, por via etimológica, semântica semelhante. Cf. *cor, cordis*, em latim).

98 Referência deste trecho está no *Philebo* platônico (17b): “Segundo Sócrates, o que faz um de nós mais sábio não é o conhecimento de que isto é infinito, ou aquilo é um. Mas sim nos fazermos de fato imbuídos da qualidade e da quantidade das letras (nos fazermos de fato letrados)” (“Σωκράτης καὶ οὐδὲν ἕτερον γε τούτων ἐσμέν πῶ σοφοί, οὔτε ὅτι τὸ ἀπειρον αὐτῆς ἴσμεν οὐδ’ ὅτι τὸ ἔν: ἀλλ’ ὅτι πόσαι ἔσσι καὶ ὅποια, τοῦτο ἐστὶ τὸ γραμματικὸν ἕκαστον ποιῶν ἡμῶν” (*Platonis Opera* [Ed. Burnet], 1903).

99 Vale lembrar que o escoliasta em R se posiciona como um dos *grammatikoi*.

100 Frede (1977) e Schenkeveld (1990), por exemplo, empregam a expressão *lower grammar*, ante a qual se infere um caráter subalterno desta gramática à outra, mais “alta”.

É fundamental nesse sentido que se procure compreender as efetivas dimensões implicadas pelo emprego dos adjetivos aqui. É comum admitir a *grande* Gramática como mais filosófica, destinada às reflexões metalinguísticas avançadas ou ao trabalho com os autores do cânone, legando à *pequena* Gramática o ensinamento prático. No entanto, ambas representam um *continuum*, e o escoliasta em R manifesta relativa consciência disso: não exclui o aspecto didático do bojo da Gramática, assim como também não investe em valores de juízo que privilegiem uma de suas atribuições em detrimento da outra.

Donato é autor de uma *Ars Maior* e uma *Ars Minor*. *Grande* e *pequena*, portanto, designam uma espécie de tipologia funcional dessa área do conhecimento, como indicará o próximo excerto do comentário ora estudado. Inclusive, uma das imagens consagradas na iconografia da disciplina é justamente esta, a da nutriz maternal que alimenta duas crianças, a da fonte que, sendo uma, mana seus conhecimentos a duas áreas dela advenientes (supra). É possivelmente essa a visão da Gramática que o escoliasta articula em seu comentário.

A despeito disso, a compreensão hierarquizada dessas faces da *grammatiké* é recorrente ao longo da história e pode tanto ter se projetado sobre a pouca distinção social do professor de primeiras letras quanto ter advindo dela. O contraste entre a posição controversa do *grammatistés* e o prestígio do *grammatikós* erudito é notório da Grécia clássica à Roma Imperial.

Dentro dos limites escritos da disciplina gramatical, porém, *pequena* e *grande* serão antes referências tipológicas, indicativas do modelo de trabalho e reflexão a ser realizado em cada seara.

### Duas Gramáticas, gramáticos duplos

IV<sup>101</sup> *Aprendemos, então, que a Gramática (grammatiké) são duas: uma consiste em ensinar a pronúncia e os caracteres dos elementos ordenados (stoikeion) – essa é própria dos chamados professores (didáskalos). A outra é a que versa sobre a leitura e teorização das obras escritas, sendo a base da educação, assim como seu começo, meio e fim. Essa é a nossa. O gramático (grammatikós), portanto, também é duplo: o empírico, o da combinação das letras, aquele que é chamado de professor (didáskalos), e o que possui entendimento e juízo sobre os escritos em metro e em prosa, o qual se denomina aqui gramático (grammatikós).*

A primeira palavra dessa seção entrega a concepção por trás do comentário: “aprendemos”. Fica aqui mais clara do que nunca a natureza didático-pedagógica dos esforços do escoliasta, que, a despeito disso, identifica-se com a figura do *grammatikós*, do acadêmico, uma vez que à Gramática destina a teorização que ele chama de “nossa”.

Sem dúvida, a pedagogia da qual se imbuí esse comentador é aquela destinada a formar outros estudiosos, seus pares, em um nível educacional que já não é o das primeiras letras. Tanto é que, mais de uma vez, o conteúdo em R se vincula de modo nítido à noção de gramática como um fazer metalinguístico, às raias do filosófico.

101 “ἐμάθομεν οὖν ὅτι ἡ γραμματικὴ διπλή· ἡ μὲν γὰρ τὰς ἐκφρασίσεις καὶ τοὺς χαρακτήρας τῶν στοιχείων διδάσκει – ἥτις ἐστὶ τῶν διδασκάλων λεγόμενον –, ἡ δὲ περὶ ἀνάγνωσιν καὶ θεωρίαν τῶν συγγραμμάτων περιγίνεται, κρητὶς (κριτὶς R) τῆς παιδείας οὕσα καὶ οἰοῖται ἀρχὴ καὶ μέσον καὶ πέρασ, ἥτις ἐστὶν ἡ καθ’ ἡμᾶς, διπλοῦς δὲ καὶ ὁ γραμματικὸς ἐστίν, ὁ μὲν ἐμπειρὸς τῆς τῶν γραμμάτων συμπλοκῆς, ὅστις καὶ λέγεται νῦν διδάσκαλος, ὁ δὲ σύνεσιν ἔχων καὶ κρίσιν συγγραμμάτων, τῶν ἐμμέτρων καὶ πεζῶν, ὅστις καὶ νῦν λέγεται γραμματικὸς.”

Ainda assim, o *grammatikós* aqui é duplo: a um só tempo, é o alfabetizador e o acadêmico. Em um movimento que aparentemente anula possíveis hierarquias entre essas funções, o escoliasta abriga ambas sob uma bipartição inerente à disciplina. Quase silogisticamente, se a Gramática é dupla, o gramático também o é, um raciocínio cuja base já se flagra na seção anterior.

Esse prisma agregador não está entre as concepções mais usuais da disciplina. Outro escólio à *Tékhne grammatiké*, por exemplo, concentra o campo de atuação da gramática no ambiente escolar:

*As partes da Gramática são quatro: a leitura, a correção, a interpretação e a crítica. A primeira, pois, consiste em falar (o discurso), em geral, e fazer a leitura (em voz alta); a segunda consistem em escrever e fazer a correção, a terceira explica e faz a interpretação. Depois investigamos como deixar algo claro e fazemos a crítica, pois é avaliando que sabemos como clarificar. Primeiro, a criança lê, e então o professor corrige e, a partir daí, explica e então faz a crítica (avalia)<sup>102</sup> (G.G, I, 3 [ed. Hilgard, 1901], p. 115, 8-14).*

Aqui todas as partes da Gramática aparecem projetadas sobre as práticas alfabetizatórias dos primeiros níveis de ensino: cabem ao aluno (que aqui é uma criança, *paidion*) e ao educador (*didáskalos*). A crítica ou avaliação, que Dionísio Trácio (*Tékhne*, I) admitia como a “mais nobre das partes da disciplina gramatical”, aqui nada mais é que uma verificação da “correção” das produções escritas da sala de aula. Do mesmo modo, a leitura deixa de consistir na compreensão de ritmos e glossas antigos para restringir-se ao ensino de uma boa pronúncia do discurso em geral (*lógos genikós*).

Trata-se de um posicionamento já verificável em Quintiliano, para quem “a profissão [do gramático] poderia ser resumidamente dividida em duas partes: a ciência do falar corretamente e a interpretação dos poetas”, embora contivesse em seu bojo muito mais do que se poderia estimar a princípio (*Inst Or. I. 4. 2*)<sup>103</sup>. Esse mesmo autor reforçava o papel da Gramática ante a formação retórica, enfatizando sua atuação sobre a oralidade: a primeira parte dessa *ars* consistiria em corrigir (*emendare*) a regra do falar (*regula loquendi*) (*Inst. Or. I. 5. 1*)<sup>104</sup>. Também em contexto latino, Diomedes manterá a divisão em duas partes (*grammaticae partes sunt duae*), uma trabalha com a exegese (*exegetice*), a outra, com definições (*horistice*)” (*GL*, I [ed. Keil, 1857], p. 426).

A duplicidade da Gramática é matéria recorrente ao longo da história<sup>105</sup> e, sem dúvida, acaba por ganhar interpretações diversas. O escoliasta em G G, I. 3 ([Ed. Hilgard, 1901] 164, 23-30) aposta em uma evolução diacrônica dessa bipartição, de um estágio “natural” e bárbaro, centrado na fala, para um patamar filológico, voltado para a defesa da “retidão” helênica da língua, calcado na escrita:

102 “*μέρη δὲ τῆς γραμματικῆς εἰσι τέσσαρα, ἀναγνωστικόν, διορθωτικόν, ἐξηγητικόν, κριτικόν· ἢ <γάρ> λέγεται ὁ γενικός λόγος, καί ποιεῖ τὸ ἀναγνωστικόν· ἢ γράφεται, καί ποιεῖ τὸ διορθωτικόν· ἢ δηλοῦται, καί ποιεῖ τὸ ἐξηγητικόν· ἢ ζητοῦμεν πῶς δηλοῦται, καί ποιοῦμεν τὸ κριτικόν, κρινόντες γὰρ γινώσκουμεν πῶς δηλοῦται. πρῶτον γὰρ ἀναγινώσκει τὸ παιδίον, καί οὕτως διορθοῦται ὁ διδάσκαλος, καί μετὰ ταῦτα ἐξηγεῖται, καί μετὰ ταῦτα κρίνει.*”

103 “*Haec igitur professio, cum brevissime in duas partis dividatur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem, plus habet in recessu quam fronte promittit*”. O tema é retomado, por exemplo na *Institutio Oratoria* (I.9.1): “E assim ficam determinadas as duas partes que essa profissão apresenta: a reflexão sobre o falar e a interpretação dos autores, às quais se pode entender como relativas ao método e à história, respectivamente”. No original: “*Et finitae quidem sunt partes duae, quas haec professio pollicetur, id est ratio loquendi et enarratio auctorum, quarum illam methodicen, hanc historicen vocant*” (Ax [ed], 2011, p. 30 e 44-88).

104 “[...] *emendate loquendi regulam, quae grammatices prior pars est [...]*”

105 Cf. Booth (1978), Agusta-Boularot (1994), Laes (2007) e Komorowska (2015).

*A Gramática é dupla: por um lado, há a antiga Gramática, que lida com as letras e a pronúncia dos elementos (stoicheia). Ela existe desde antes dos troianos e nasceu quase junto com a [própria] natureza. Por outro lado, a gramática nova é a que lida com a correção das palavras gregas (hellenismós). Foi iniciada por Teágenes e alcançou seu formato definitivo com os peripatéticos Praxifanes e Aristóteles. O objetivo da primeira é ler bem, e o desta última, o bem escrever<sup>106</sup>.*

Assim como o autor de R, esse outro escoliasta demonstra consciência das dimensões oral e escrita da língua como autônomas, e não necessariamente subordinadas à Retórica ou à Pedagogia. No entanto, as reflexões metalinguísticas implicadas em seu posicionamento são rudimentares, se não inexistentes. Ainda que aproxime a “nova gramática” da tradição filosófica (por meio da alusão a nomes de filósofos), não sugere maiores imbricamentos conceituais entre ambas.

Em R, uma faceta da Gramática será destinada a “ler e teorizar sobre as obras escritas”, outra tratará da pronúncia dos elementos do alfabeto. Essa segunda inscreve-se, à primeira, de modo a concentrar o escopo da disciplina sobre a tradição escrita, a qual lhe caberá compreender e julgar. Novamente o fazer gramatical surge aqui como algo mais próximo da tarefa do filósofo que das funções do pedagogo. Esse é, inclusive, um alinhamento mantido de forma consistente pelo escoliasta, como se verá ainda na última seção de seu texto a ser analisada a seguir. Observe-se, porém, que isso é mais uma inclinação do que um posicionamento radical.

É fato que já a Antiguidade se debatia para decidir o quanto cabia sob o conceito de *grammatiké*. O escoliasta do R ainda assim procura demonstrar sua compreensão holística do fenômeno. Ao afirmar que a sua Gramática é aquela que abarca “o princípio, seu meio e seu fim”, articula um conceito de completude consolidado em Aristóteles:

*Completo é, pois, aquilo que possui princípio, meio e fim. O princípio é o que necessariamente não vem depois de algo, mas depois do qual alguma coisa passa a existir; o fim, por outro lado, é o que, necessariamente e na maioria das vezes, vem depois de outra coisa e não é sucedido por nada. Já o meio é o que vem depois de um e antes do outro (Aristóteles. Poética, 1450b 26-31)<sup>107</sup>.*

O escólio R aponta para integração, em vez de polaridade. Não há dois gramáticos distintos; o gramático é duplo (διπλός). Sua *grammatiké*, portanto, concebe em um *continuum* aquilo que geralmente se aborda como dicotomia: é a que participa de toda a *paideia* (educação), não apenas das primeiras letras e de estágios propedêuticos para outros estudos. A ideia completa de Gramática é aquela, portanto, onde cabem as primeiras letras e o trabalho com as fontes escritas ao longo de toda uma formação. Nesse sentido, é particularmente válido lembrar que o autor desse escólio, ao escrevê-lo, faz um apanhado didático voltado para outros que, como ele, estudam a ciência das letras sob uma perspectiva academicamente avançada, que se poderia designar metateórica.

106 “Διττὴ δὲ ἐστὶν ἡ γραμματικὴ· ἡ μὲν γὰρ περὶ τοῦς χαρακτήρας καὶ τὰς τῶν στοιχείων ἐκφωνήσεις καταγίνεται, ἥτις καὶ γραμματικῆ λέγεται παλαιά, οὕσα καὶ πρὸ τῶν Τρωϊκῶν, σκεδὸν δὲ καὶ ἅμα τῆ φύσει προελθούσα· ἡ δὲ περὶ τὸν ἑλληνισμόν, ἥτις καὶ νεωτέρα ἐστίν, ἀρχαίμην μὲν ἀπὸ Θεαγένους, τελευτήσια <δὲ> παρὰ τῶν Περιπατητικῶν Πραξιφάνους τε καὶ Ἀριστοτέλους· καὶ τῆς μὲν γραμματικῆς τέλος τὸ εὖ ἀναγιώσκειν, τῆς δὲ γραμματικῆς τὸ εὖ γράφειν.” Outro trecho bastante semelhante se encontra em G G I. 3 [Ed. Hilgard, 1901], 448,12-16.

107 “Ὅλον δὲ ἐστὶν τὸ ἔχον ἀρχὴν καὶ μέσον καὶ τελευτήν. ἀρχὴ δὲ ἐστὶν ὁ αὐτὸ μὴ ἐξ ἀνάγκης μετ’ ἄλλο ἐστίν, μετ’ ἐκεῖνο δ’ ἕτερον πέφυκεν εἶναι ἢ γίνεσθαι· τελευτὴ δὲ τοῖναντίον ὁ αὐτὸ μὲν μετ’ ἄλλο πέφυκεν εἶναι ἢ ἐξ ἀνάγκης ἢ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, μετὰ δὲ τοῦτο ἄλλο οὐδὲν μέσον δὲ ὁ καὶ αὐτὸ μετ’ ἄλλο καὶ μετ’ ἐκεῖνο ἕτερον.” A mesma ideia ressurge em outros pontos da obra aristotélica, como no *De caelo* (I. 1): “Pois o fim, o meio e o princípio, contêm o número do todo” (“τελευτὴ γὰρ καὶ μέσον καὶ ἀρχὴ τὸν ἀριθμὸν ἔχει τὸν τοῦ παντός”).

## Metrópole do conhecimento

V<sup>108</sup> Aristóteles achava a grande Gramática muito útil porque ela serve a muitos e para muitas coisas acerca do discurso (*lógos*). Crisipo (fr. nov) a define como “metrópole dos aprendizes” (*metrópolis mathetôn*), pois é mãe de todo o ensinamento acerca do *lógos*. Penso que ela seja a primeira e a mais compartilhada articulação erudita (*diárthosin*) fornecida sobre o *lógos*. Assim, cada um daqueles que se lançam às questões acerca do discurso (*lógos*) vai recebendo dela provisões de viagem: como se fossem suprimentos (*sitakhían*), recebem as primeiras bases do discurso (*lógos*) e assim seguem em direção do [conhecimento] que buscam.

Apesar de não contar com a estrutura lógico-sintática típica das definições (*definiendum* + *definiens*), a proposição atribuída a Crisipo se vale da repetição (por meio da elipse anafórica) do verbo chamar *apekálei* (de *apokaléo*: chamar, nomear, designar) para caracterizar a *megále grammatiké* como *metrópole dos aprendizes*. Embora não sob a forma clássica, o vínculo típico de uma cópula lógica se verifica ali<sup>109</sup>. É importante ressaltar que essa designação, via metáfora, se dá num contexto técnico, profissional. O escoliasta em questão se autodenomina *grammatikós* e fala em “nossa” arte ao abordar a grande Gramática. Ou seja: dirige-se a um público especializado. Isso por si já imputa à escolha um certo nível de consciência metalingüística.

Do mesmo modo, o excerto não recorre a uma metáfora banalizada: embora produtiva ao longo da tradição textual helênica, essa acepção *metrópolis* não é repetida a ponto de se cristalizar<sup>110</sup>. Assim, ainda que possa correntemente assumir um sentido aproximado de *geratriz, origem*<sup>111</sup>, os aspectos semânticos, as analogias e referências intertextuais que justificam o emprego do termo em R não estariam invisibilizados sob a familiaridade da expressão, pelo contrário. De fato, em termos morfológicos, ambos os componentes, *métros* (forma genitiva de “mãe”) e *pólis* (cidade), constituem formas lexicais independentes cujas dimensões semânticas não seriam, portanto, opacas. Contudo, o mais importante a ressaltar talvez seja o sentido político do termo *metrópolis*, consolidado já sob as dinâmicas do pan-helenismo (III a.C a III d.C, aproximadamente).

Nesse contexto, a relação desenhada entre metrópole e colônias é equivalente à de mãe e filhos<sup>112</sup>: uma cidade, admitida como provedora ancestral<sup>113</sup>, teria

108 “ταύτην δὲ τὴν μεγάλην γραμματικὴν ὁ Ἀριστοτέλης πολὺχρηστον ἀπεκάλει διὰ τὸ εἰς πολλοὺς καὶ πολλοὺς τῶν περὶ τοὺς λόγους χρησιμεύειν αὐτῇ. Χρῆσιμος (fr. nov) δὲ μετρόπολιν μαθητῶν· μήτηρ γάρ ἐστιν πάσης λογικῆς παιδείσεως, αὐτὴν οἶμαι τὴν πρώτην καὶ κοινὴν διάρθρωσιν τοῦ λόγου συνετὴν (l. συνετῶς) παρεχομένην, ὡς ἕκαστον τῶν ἐπὶ τοῖς λόγοις ὀρμημένων ἐφόδια λαβόντα παρ’ αὐτῆς καὶ οἰοῦντι σταθαρῆσαι καὶ τὰς πρώτας ἀφορμὰς τοῦ λόγου, καὶ οὕτω πορευέσθαι ἐπὶ τὸ ζητούμενον.”

109 Inclusive porque o conteúdo não aparece sob uma sintaxe completamente regular e pode ser fragmentário, é possível que também inicie uma sentença em que a elipse seja a de um verbo de dizer: Crisipo [diz] que ela (a grande Gramática) é a metrópole dos aprendizes.

110 É o que se pode observar por meio de uma busca em bancos de *corpora* textuais gregos como o Projeto Perseus.

111 Equivalente ao que se vê em português: A paciência é mãe de todas as virtudes. É nesse sentido que aparece, por exemplo, em *Vit. phil.* 6.50 (na fixação da Loeb Classical Library, 185, 52): segundo Diógenes Laércio, o outro Diógenes, o cínico, afirmava que “a avareza é a mãe (*metrópolin*) de todos os males” / “τὴν φιλαργυρίαν εἶπε μετρόπολιν πάντων τῶν κακῶν μετρόπολιν πάντων τῶν κακῶν”. O mesmo sentido se lê em Diodoro Sículo (21, 1, 4): “A ganância (*πλεονεξία*) é a mãe (*μετρόπολιν*) das injustiças (*τῶν ἀδικημάτων*)”.

112 No *corpus platonicum*, somente em *Crítias*, 115c, a distinção entre metrópole e colônia surge assinalada sob o emprego de *μητρόπολις*. Nas *Leis* V, 736d, Platão usa “*πόλει τῶν ἀρχαίων*”, a cidade dos ancestrais, e em *Leis* VI, 754b, “*τὴν κατοικίζουσαν πόλιν*”, a cidade fundadora, e compara sua relação com a colônia à relação entre pais e filhos. O mais comum, porém, é empregar apenas *πόλις* (*pólis*) para a cidade-mãe e *ἀποικία* (*apoikia*) (ou mesmo também *πόλις*) para a cidade-filha. Isso permite compreender o uso de *metrópolis*, em vez de *pólis*, em R, como intencional, destinado a demonstrar as qualidades de mãe atribuídas a esse tipo de cidade.

113 No *Panegírico* de Sócrates (ca. 380), importante documento histórico do pan-helenismo ateniense, lê-se: “Tantas cidades enviam para nós [Athenas], todos os anos, os primeiros frutos de suas colheitas de seus grãos, num reconhecimento do nosso

fornecido meios materiais e humanos para viabilizar a vida intelectual e econômica das cidades-filhas, numa espécie de “virada civilizatória”. Vale observar que, no período, o papel da metrópole no discurso comum era notavelmente positivo. A *metrópolis* é, pois, pólis, mas é, sobretudo, mãe (gr. *metr-*) (provedora, benfeitora ancestral).

Ao evocar nominalmente esse conceito, o escoliasta de R destaca o potencial gerador e provedor da Gramática, somado a seu valor político na arena do conhecimento. Ao mencionar a provisão de grãos (*sitarkhía*), vincula-se, inclusive de modo vocabular, ao cenário da Atenas pan-helênica, centro de difusão de cultura, muitas vezes mitificado no ideário da posteridade (em Alexandria, por exemplo). Ainda que haja aqui a retomada de uma concepção já circulante, a da Gramática como nutriz ou provedora de alimentos, no excerto o caráter maternal atribuído historicamente à disciplina vem eivado de uma dimensão inescapavelmente política.

O estudo das letras é a origem fundante de onde partem seus aprendizes para a fundação de outras áreas no caminho do conhecimento. Afinal, a Gramática é o cerne da *paideia* completa (ver seção IV), a mãe de todo ensinamento acerca do *lógos*. Sua associação com a *metrópolis*, no entanto, institui uma relação de poder que a projeta acima das demais áreas do saber. Isidoro de Sevilha (*Etymologiarum sive originum libri*, I.5.1), Teodulfo de Orleans (*De septem liberalibus artibus*, n. 46 [Ed Dümmler, 1881]) e João de Salisbúria (*Metalogicon*, I. 21; 851d-852a) já a haviam designado como matriz de mais saberes, uma posição que ressurgue neste escólio ressemantizada. O caráter basilar da disciplina, apesar de retomado em R, não mais se define pela essência propedêutica, mas pela primazia, o resulta em uma mudança de estatuto epistemológico.

Se levada em conta a inclinação estoica flagrável ao longo do texto em R, tem-se aqui um reposicionamento absoluto da disciplina gramatical: uma vez que o *lógos* é a matriz da filosofia estoica, a qualquer disciplina que cuide de tudo o que lhe concerne caberá, portanto, a máxima distinção. A afiliação a essa doutrina filosófica é corroborada pela citação direta de Crísipo. O fragmento atribuído em R a esse filósofo não ocorre em nenhum outro lugar da tradição e, até onde sabemos, ainda não está incorporado nas *colligendae* disponíveis. É preciso lembrar, contudo, que a expectativa de precisão dentro do sistema intelectual – e, conseqüentemente, textual – dos escólios é, por óbvio, diferente da contemporânea. Nesse universo, o papel da memória (ou, mais especificamente, da mnemotécnica) ainda concorre abertamente com o recurso direto ao texto citado. Assim, repetições ou trocas de nomes por assimilação fonética ou semântica, assim como lacunas diversas, não são raras<sup>114</sup>, pelo contrário. A dúvida entre única fonte restante e lapso tendencioso da memória do escoliasta não é facilmente solúvel. Mas mesmo diante da segunda hipótese, o trecho interessa à nossa argumentação, uma vez que parece estar mobilizada aí uma cadeia de referências e intertextualidades típica dos circuitos intelectuais pré-modernos.

papel de *benfeitora ancestral* [...] (“*αἱ μὲν γὰρ πλείους τῶν πόλεων ὑπόμνημα τῆς παλαιᾶς εὐεργεσίας ἀπαρχὰς τοῦ σίτου καθ’ ἕκαστον ἐνιαυτὸν ὡς ἡμᾶς ἀποπέμπουσιν [...]*”). Neste texto, é empregado o sintagma *aparkhās tou sítou*, a primeiras provisões de grãos. Essa ideia se consolidará sob a designação *sitarkhía*, que compacta os radicais para formar um só termo capaz de designar essa provisão específica. É esse o termo empregado pelo escoliasta em R, em alusão a esse movimento histórico-político. Vale, nesse sentido, lembrar que a metrópole então detinha o domínio sobre esse alimento e estava comprometida a administrá-lo e redestiná-lo às suas cidades tributárias, em caso de necessidade.

114 Ver as lições textuais Sócrates/Crates, que se alternam no próprio manuscrito R, por exemplo.

Meliadó (2013) aponta um segundo ponto da tradição em que uma expressão metafórica paralela a *metrópolis mathetôn* surge atribuída a Crísipo, o diálogo *Dipnosophistas* (VI. 63), de Ateneu. Lá o personagem Crísipo afirmaria que o poema culinário do notável cozinheiro Arquestrato, a *Gastrologia*, seria a *metrópole do epicurismo*<sup>115</sup>.

Porém, não é esse, cremos, o vínculo mais significativo a destacar na abordagem de possíveis intertextualidades mobilizadas no excerto. Embora nas palavras de outro personagem, expressão paralela ainda mais próxima de *metrópolis mathetôn* é *metrópolis mathemáton* (metrópole das disciplinas do saber), que surge no *Banquete* (*Quaestiones Convivales*, III. 63) de Plutarco, obra que, vale lembrar, inspirou o modelo do *Dipnosophistas*. O excerto em questão é justamente um dos mais referenciados da obra moral desse autor, sendo a fonte daquela que é talvez a máxima mais consolidada do platonismo “Deus sempre geometriza”<sup>116</sup>. Na cena em que surge a expressão, os convivas abordam uma espécie de teoria do conhecimento platônica, e o personagem Tindares elucida:

*Em todas as chamadas disciplinas (mathémasin), como nos espelhos brilhantes e lisos, aparecem marcas e imagens da verdade inteligível, mas acima de todas a geometria, sendo, segundo Filo<sup>117</sup>, o princípio e a metrópole das outras disciplinas [mathemáton]<sup>118</sup>, conduz e eleva o intelecto, como que o purificando e libertando delicadamente das percepções físicas<sup>119</sup>.*

Essa é uma passagem emblemática no endereçamento do papel da Geometria perante o conhecimento e suas divisões, além de ser uma das fontes antigas do Problema de Delos (ou deliano). Contém, inclusive, uma anedota recorrentemente empregada para ilustrar do intuito platônico de alcançar a verdadeira Filosofia pela contemplação desvinculada da *aésthesis*, ou da percepção balizada pelo contato com o mundo material, por intermédio dos sentidos<sup>120</sup>.

- 115 “Então, nobres amigos, considerados tais fatos, há que se dar razão ao nobre Crísipo por compreender acuradamente a natureza de Epicuro, e afirmar que a metrópole da sua filosofia é a *Gastrologia* de Arquestrato, aquele belo épico que todos os filósofos que gostam de comer chamam de seu Teógnis” (“εις ταυτ’ ον τις αποβλεπον, ανδρες φιλοι, εικωτος αν επανέσειεν τον καλον Χρσίποτον κατιδόντα ακριβώς την Έπικούρου φύσιν και ειπόντα μητρόπολιν είναι της φιλοσοφίας αυτού την Αρχεστράτου Γαστρολογίαν, ην πάντες οι τον φιλοσόφον γαστριμαργου Θεογνιν τινα αυτών είναι λέγουσι την καλήν ταυτην εποποιαν”).
- 116 “Deus sempre geometriza? Eu disse que essa sentença não foi claramente dita em nenhum dos livros de Platão, e ainda assim, há bons argumentos que a atribuem a ele, e ela soa muito de acordo com sua sabedoria” (“αι γεωμετρειν τον θεον; ει γε δη θετον είναι την απόφανσιν ταυτην Πλάτωνος, ‘εμου δεταυτ’ ειπόντος ως γέγραπται μόν εν ουδενι σαφώς τον εκείνου βιβλιον. εχει δε πιστην ικανην καιτου Πλατωνικου χαρακτηρος εστιν [...]” (Plut. Quaes. Conv. 8.2.1). Observe-se que toda a tradição posterior atribuiu, a partir daí, esse dito a Platão.
- 117 O texto da Edição Loeb, traz a lição Filolau (Philolaus/Φιλόλαος (Vorsokr. 44 A 7a)). Ainda que Huffman (1993) empregue justamente essa passagem para coletar seu fragmento que compõe a coletânea *Philolaus*, consolidando essa lição como fonte do pré-socrático, a fixação que seguimos aqui é a de Bernadakis para a *Bibliotheca Teubneriana* (1892), em que se lê *Filo*. Não cabe a este estudo investigar a fundo a história de fixação do texto em questão, mas provavelmente é o caso de se terem, como na alternância de versões *Crates/Sócrates* (em R), variações pertencentes a dois pontos distintos do *stemma codice*, ou seja, duas fontes resultantes em duas fixações diferentes. Aqui seguimos com a lição textual *Filo*. Apesar de Filolau ser um pitagórico envolvido com as questões de geometria, tema direto do excerto, Filo de Bizâncio é parte do grupo de filósofos matemáticos mencionado (aparece, por exemplo, na lista de produtores de inventos mecânicos de Vitruvius). E mais importante: conta a anedota (ver nota 120) que Platão teria ficado chateado com filósofos que obtiveram a resposta do enigma de Delos (ou da duplicação do cubo) por meios práticos, pois Filo de Bizâncio é responsável pela descoberta da *linha de Filo*, uma solução matemática que se investe de geometria pura para resolver esse problema. Sem dúvida, diante disso, a menção ao nome de Filo soa mais adequada nesse excerto absolutamente emblemático da obra de Plutarco.
- 118 No original, a presença do termo “disciplinas” é compreendida por meio de uma elipse anafórica de *mathémasin* (dativo plural de *máthema*) na sequência anterior. A concordância adequada, caso a palavra estivesse explícita, seria *mathemáton* (genitivo plural de *máthema*), de onde *metrópolis mathemáton*.
- 119 “παις μόνων τοις καλομένοις μαθημασιν, ὡσπερ ἀστραβείσι και λείοις κατόπτροις, ἐμφαίνεται της τῶν νοητῶν ἀληθείας ἰχνη και εἰδωλα μάλιστα δε γεωμετρία κατὰ τον Φίλωνα ἀρχη και μητρόπολις οἷσα τον ἄλλον επανέγει και στρέφει την διάνοιαν, οἷον εκκαθαυρομένην και ἀπολυομένην ἀτρέμα της αἰσθήσεως, διό και Πλάτων αυτος ἐμέμγατο τους περι Εὔδοξον και Ἀρχιταν και Μέναιχμον εις ὀργανικὰς και μηχανικὰς κατασκευὰς τον του στερεου διπλασιασμου ἀπέγειν επιχειροῦντας: ἀπόλλυσθαι γάρ οὗτω και διαφθεیرهσθαι τὸ γεωμετρίας ἀγαθὸν αἰθις ἐπι τὰ αἰσθητὰ παλινδρομοῦσας και μη φερομένης ἄνω μηδ’ ἀνταλμυνομένης των αἰδίων και ἀσομάτων εἰκόνων, πρὸς αἰσπερ ὄν ὁ θεός αιει θεός εἰστιν.”
- 120 A ideia de que a percepção advinda dos sentidos obnubila a rememoração da verdade absoluta das coisas aprendida originalmente pela alma quando de sua viagem pelos planos divinos é encontrada no *Fedro* de Platão (249c).

Nossa hipótese de leitura é, portanto, que, ao referir-se à Gramática como *metrópolis mathetôn*, o comentador esteja dialogando objetivamente com a *metrópolis mathemáton* platônica, isto é, a Geometria. O extremo paralelismo entre *mathetôn-mathemáton* é um argumento estrutural para o estabelecimento dessa relação, mas sobretudo se presta a confrontar os paradigmas de ambas as disciplinas: a Gramática se posiciona ante os discípulos, a Geometria, ante as disciplinas. No comparativo subliminar que se instaura intertextualmente, a cidade-mãe das letras não assume o posto, tão abstrato quanto propedêutico, de provedora das demais disciplinas. Volta-se ao discípulo, subsidiando sua viagem do conhecimento na base do trabalho com o pensar e assumindo, assim, a posição de *pequena Filosofia*, o que, como se verá na análise da seção seguinte, lhe atribuirá soberania dentre os saberes.

Se uma *metrópolis mathemáthon* define a melhor das disciplinas platônicas, a *metrópolis mathetôn* é epítome de um sistema epistemológico de base estoica, em que a percepção (*katálepsís*) vinculada aos aspectos materiais é estágio do conhecimento (*epístème*). É claro que a *katálepsís* estoica não equivale à *aésthesis* cognitiva. No entanto são ambos conceitos vinculados à formação de impressões cognitivas envolvidos na busca pela verdade, pelo estado de conhecimento mais legítimo. Na doutrina estoica, essa questão voltou-se em grande medida à linguagem. Inclusive, é a Crisipo que se atribui a autoria da primeira tabela de critérios para atribuir valores de verdade a condicionais, sob os domínios da Dialética/Lógica<sup>121</sup> estoica. Ora, a lógica de Crisipo era a observação do *lógos*, que era o *pensamento*, mas também o *discurso*.

Não se trata aqui de opor superficialmente os sistemas epistemológicos platônicos e estoicos, pois essas dicotomias são muito menos simples do que se pode pensar num primeiro momento, dadas as tramas e imbricações dos contextos de pensamento de que fazem parte. No entanto, ao ecoar um excerto de Plutarco totalmente voltado para a laudação da Geometria e ao seu lugar no universo filosófico do platonismo, o texto de R trabalharia sobre o contraste entre modelos de verdade: de um lado, os centrados na Geometria, como abstração total; de outro, os amparados pela lógica estoica, voltados para a linguagem. Estaria, para isso, articulando uma série de sentidos subliminares, evocados a partir do diálogo entre textos e vertentes. Vale, nesse sentido, notar que não seria improvável para um eventual leitor coetâneo do escoliasta resgatar o conteúdo desse excerto de Plutarco a partir do texto de R, sobretudo ante a proximidade dos sintagmas, abordada anteriormente. Além disso, como já apontado, esse trecho plutarquiano é responsável por legar à posteridade um dos ditos mais iconicamente atribuídos a Platão: *Deus sempre geometriza*.

O gramatizar, em contrapartida, será sempre humano. E é isso que parece estar sendo destacado em R. A viagem do aprendiz (*mathetés*) é terrena e prática. Suas buscas pelo conhecimento serão provisionadas pela Gramática que, no caso, sob a noção antiga de metrópole, seria sua terra de origem, que daria as bases para sua própria “civilização” intelectual. Do mesmo modo, ela seria retroalimentada pelos seus “filhos”. Sob a imagem do conhecimento como jornada<sup>122</sup>, está uma relação bastante técnica, material, com a Gramática, que em R surge menos como projeção metafísica e mais como uma disciplina de estudos de fato.

121 Para um apanhado das bases históricas dessa discussão, ver Gould Jr (1967, p. 155 et seq.).

122 Embora fuja ao escopo do presente ensaio, é possível flagrar no emprego das metáforas do caminho, por exemplo, um influxo da filosofia de base cristã, corrente no contexto em pauta.

## Pequena Filosofia

VI<sup>123</sup> Por isso também há quem chame a Gramática de “pequena Filosofia”, uma vez que pode dizer algo de todas as coisas, e tudo se conecta pelo discurso (lógos). De fato, por meio da Gramática, lemos (conhecemos) toda a história preservada, as matérias teorizadas pelos sábios e as praticadas pelos políticos. Tudo aquilo que se torna conhecido ao ser humano aprendemos por meio dela, seja ato ou pensamento<sup>124</sup>.

No livro I da *Metafísica*, Aristóteles posiciona a *primeira filosofia*, outro nome dado à própria metafísica, como superior a todas as demais faces do conhecimento. Esse é, provavelmente o contexto que se desdobrará no consagrado epíteto de “rainha das ciências”, que a Filosofia carregará para a posteridade. Embora a questão da hierarquia entre disciplinas tenha sido razão de disputa corrente ao longo da história<sup>125</sup>, a posição da Filosofia como soberana encontrará consistente repercussão, inclusive iconográfica<sup>126</sup>. É coroada e portando os demais atributos da realeza que surge ao centro da iluminura das sete artes liberais no *Hortus deliciarum*, em que é a rainha a que todas servem<sup>127</sup>.

O escoliasta em R, ao designar a Gramática como “pequena Filosofia”, se vale de um ponto comum entre ambas as disciplinas, proposto sob um viés aristotélico. Não à toa, é uma citação de Aristóteles que abre a seção anterior do manuscrito, atribuindo utilidade à Gramática. A absoluta universalidade do objeto é justamente o argumento mobilizado na *Metafísica* para assegurar primazia à Filosofia ante os demais saberes. No texto de R, de modo semelhante, é a Gramática a disciplina que se presta a abranger todo o *lógos*, tudo o que for concernente à razão e, portanto, expressável pela linguagem.

Os estudos gramaticais emergem desse contexto como base de articulação do repositório de saberes possíveis e fonte de aprendizado de tudo o que o passado legou. É possível, sem dúvida, depreender de tal cenário uma concepção de *grammatiké* mais orientada à acepção genérica de *escrita*. Essa não seria, no entanto, uma definição restritiva ou excludente. Subjaz ao texto de R uma noção de trabalho com o repositório escrito entrecruzada à perspectiva das investigações (meta)lingüísticas propriamente ditas. As visões da Gramática como metodologia pedagógica, práxis analítica, matéria erudita e universo da escrita, expressas ao longo do manuscrito, não são discrepantes. Somam-se, antes, para constituir uma totalidade abrangente, que corrobora a visão holística e agregadora da disciplina que será começo, meio e fim (vide seção 5.4) para a *paideia*. Tal perspectiva, inclusive, instaura-se sobre a congregação de diversas noções do fazer gramatical manifestas ao longo da história. É justamente esse caráter articulador da totalidade de conhecimentos que o título de “pequena Filosofia” sumariza e destaca.

123 “διὰ τοῦτο καὶ μικρὰν τινας εἶπον φιλοσοφίαν τὴν γραμματικὴν ὡς δυναμένην τι περὶ παντὸς εἰπεῖν, καὶ παντὸς συνάπτεσθαι λόγῳ. Διὰ γὰρ τοι τὴν γραμματικὴν φυλαττομένην πᾶσαν ἱστορίαν ἀνέγνωμεν τὰ τε τοῖς σοφοῖς θεωρηθέντα καὶ τὰ πραχθέντα τοῖς πολιτικοῖς, καὶ πᾶν ὅτιον τὸ γνωστὸν ἀνθρώπῳ γινόμενον ἢ θεωρούμενον διδασκόμεθα δι’ αὐτῆς.”

124 Sobre a teoria do conhecimento estoica, ver Frede (1999); para a platônica, ver Scott (1995).

125 A própria Filosofia já passou de rainha das disciplinas a aia da Teologia, no Livro V das *Stromata*, de Clemente de Alexandria, por exemplo.

126 É assim que surge, como rainha, nas inúmeras representações das sete artes liberais verificáveis nas catedrais da Europa. Como exemplo, ver o mosaico dessas artes disposto na Catedral de Ivrea (século XI).

127 No círculo no qual se insere Filosofia, lê-se: “Eu [a Filosofia], sou a disciplina que rege todas as coisas existentes e divido as artes que a mim se subordinam em sete partes” (“*Arte regens omnia quae sunt ego philosophia subjectas artes in septem divido partes*”). (Imagem disponível em: <https://liberalarts.org.uk/philosophy-and-the-liberal-arts/>.)

Assim como a pequena Gramática<sup>128</sup> era a Gramática técnica (que estava entre as *tékhnai*), projetada e sistematizada para atender às demandas práticas, a pequena Filosofia é um mecanismo epistemológico de constituição, manutenção e transmissão de conhecimento. Novamente, o adjetivo *pequeno* não é aí índice de inferioridade, apenas alude à sua natureza de saber aplicado.

Na explicação de R, o *lógos* é o conector de coisas, temas, assuntos; o ponto comum pelo qual podemos tangenciá-los todos. E a Gramática dedica-se justamente ao seu estudo, habitando, portanto, os liames da episteme – um lugar, sem dúvidas, privilegiado. Ao passo que se pode vislumbrar uma acepção de língua/linguagem orientando o uso do termo *lógos* nesse contexto, é impossível desvinculá-lo do espectro lógico mais amplo, verificado nas proposições estoicas, em que é o ponto para o qual convergem todos os conhecimentos da ordem da razão. Novamente, *lógos* aqui é *discurso* ou *palavra* (segundo Meliadò, 2013, por exemplo), mas é também *pensamento*. Para além da necessidade de traduzir o termo, é necessário não perder de vista a indissociabilidade<sup>129</sup> original entre o materializável na língua e a intangibilidade do mental que esse termo representa. Se é fato que sua semântica se redesenha, inevitavelmente, a cada período e autor, é também inegável que essa intersecção é parte de sua natureza nuclear.

O *lógos* em R surge como matéria do dizer sobre o conhecimento; é, portanto, objeto ou capacidade da Gramática, em uma perspectiva afinada à notória intuição metalingüística que perpassa o texto desse escoliasta, que denota consciência do papel prático dos ofícios da linguagem e lhes atribui funções significativas em relação às demais disciplinas de seu meio intelectual.

A *grammatiké* emerge desse cenário como repositório dos saberes humanos. Dela provém os suprimentos que ajudarão a nutrir outras áreas do pensamento, mas por meio daquele que aprende (e produz) conhecimentos. É ela que os guardará. Ao contrário da Geometria que se posicionara como uma metrópole das disciplinas, a Gramática é metrópole para os discípulos. Sua natureza é a da nutriz e da médica: nutre e cuida daquele que aprende, dando subsídios para que percorra sua viagem do conhecimento. Tudo no âmbito da práxis, vinculado a fazeres e pensares reais. Por isso é a Filosofia das coisas práticas, do *scriptorium* do escoliasta, da escolha do exegeta, do exercício do aluno, do labor do exercício intelectual do pesquisador.

Distante das abstrações da Geometria, diante de quem se posiciona contrapontisticamente, a Gramática em R é conexão, metalinguagem e arcabouço, ponto onde se conectam todos os saberes, via do amor ao conhecer, pequena Filosofia, portanto.

128 Esse tipo de uso do adjetivo *pequeno* não é exclusivo do contexto gramatical, vale notar. Ainda que não haja testemunhos numerosos apontando para um uso massivo da expressão, é possível verificá-la já na designação da obra aristotélica *Parva naturalia*, ou *Pequena Física* (*Μικρά Φυσικά*). Há também exemplos posteriores. Por volta do ano 1230, tem-se notícia de um poema didático enciclopédico anglo-normando chamado *La Petite Philosophie*, destinado a abranger conhecimentos genéricos sobre o mundo. O mesmo modelo de nomenclatura se aplica ao tratado de lógica de Paulus Venetus (ca. 1400): a *Logica Parva* (*Pequena Lógica*).

129 É válido observar que no pensamento metalingüístico da Antiguidade esse modelo de concepção em *continuum* é comum. Observe-se nesse sentido outro termo nominado no comentário e inerente à tradição gramatical (a exemplo, na parte VI da *Tékhnē* de Dionísio Trácio), o *stoicheion*, ou elemento ordenado. Trata-se também de conceito que conta com uma interface material e imaterial. Antes de um estágio terminológico *in nuce*, esse tipo de construção semântica aponta para um modelo de categorização distinto do contemporâneo, no qual implicar tais intersecções é relevante.

**GRAMMAR IN PREMODERN INTELLECTUAL CIRCLES – A TRANSLATION (WITH CRITICAL NOTES) AND ANALYSIS OF THE *RICCARDIANUS GRAECUS 62* SCHOLION TO DIONYSIUS THRAX’S *TÉKHNE GRAMMATIKÉ***

**Abstract:** This essay provides an annotated translation of the *scholion* to Dionysius Thrax’s *Tékhne grammatiké*, discovered by Meliadò (2013) in the codex *Riccardianus graecus 62*, into Brazilian Portuguese and analyzes the theoretical conceptions of grammar it mobilizes. From the perspective of linguistic historiography, the study draws upon philosophical and linguistic traditions to examine the text’s values and concepts within their historical context. It argues that the manuscript articulates intertextual content and paradigms from Greco-Latin Antiquity and the Middle Ages to reposition grammar within the hierarchy of knowledge, bestowing upon it the epithets of “metropolis of learners” and “minor philosophy”. These two designations, which embody the scholiast’s conception of the discipline, constitute the primary analytical focus of this work.

**Keywords:** Definitions of grammar. History of grammar. *Tékhne grammatiké*. Scholia on Dionysius Thrax. Linguistic historiography.

**REFERÊNCIAS**

- ACERBI, F. Types, function, and organization of the collections of scholia. *Trends in Classics*, v. 6, n. 1, p. 115-169, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1515/tc-2014-0008>
- ACEVEDO, J. *The idea of Στοιχείον in grammar and cosmology: from antique roots to medieval systems*. 2018. Thesis (Doctorate) – University of London, London, 2018.
- AGUSTA-BOULAROT, S. Les références épigraphiques aux Grammatici et γαρματικοί de l’Empire romain (Ier s. av. J.-C., IVe s. ap. J.-C.). *Mélanges de l’Ecole française de Rome-Antiquité*, v. 106, n. 2, p. 653-746, 1994. DOI: <https://doi.org/10.3406/mefr.1994.1861>
- ANNAS, J. Stoic epistemology. In: EVERSON, S. (ed.). *Epistemology: Cambridge Companions to Ancient Thought I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 184-203.
- [ARISTÓTELES] BALME, D. M (ed). *Aristotle’s De Partibus Animalium I and De Generatione Animalium I*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- ASSMMAN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- ATHENAEUS. *Deipnosophists*. Translation Gulick, C. B.; Yonge, C. D. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1927-1941.
- AUGUSTINUS S. AURELIUS. *Confessionum Libri XIII* (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana). Edição de Martin Skutella (1934), corrigida por H. Juergens e W. Schaub. Stuttgart: Teubner, 1981.
- AX, W. (ed.). *Quintilians Grammatik* (Inst. orat. 1.4-8): Text, Übersetzung und Kommentar. Berlin/Boston: De Gruyter, 2011.

- BEKKER, I. (ed.). *Anecdota Graeca*. 2. ed. Bonn: Impensis Weberei, 1814-1819.
- BERGLUND, C. J. Understanding origen: the genre(s) of the gospels in light of ancient greek philology and modern genre theory. *Scrinium*, v. 12, n. 1, p. 181-214, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1163/18177565-00121p11>
- BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Imagem digital disponível na biblioteca digital Gallica (identificador: <ark:/12148/btv1b8446933h>). [imagem]. Paris: BnF. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8446933h/f74.item.r=%228500%22.zoom>. Acesso em: 6 mar. 2026.
- BLANK, D.; ATHERTON, C. The stoic contribution to traditional grammar. In: INWOOD, B. (ed.). *The Cambridge companion to the stoics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 310-327. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL052177005X.013>
- BLANK, D. L. (ed.). *Sextus Empiricus: Against the Grammarians*. New York: Clarendon Press, 1998.
- BOEHM, I. Métaphore médicale ou spécialisation dans le vocabulaire grammatical gréco-latin: héritage et création. In: BASSET *et al.* *Bilinguisme et terminologie grammaticale gréco-latine*. Louvain: Peeters, 2007. (v. 27). p. 95-118.
- BONATI, I. Digital Papyrological Editions and the Experience of a Lexicographical Database The case of *Medicalia Online*. In: REGGIANI, N. *Digital Papyrology II. Case Studies on the Digital Edition of Ancient Greek Papyri*. Berlin: De Gruyter, 2018.
- BOOTH, A. D. The appearance of the “Schola Grammatici”. *Hermes*, v. 106, n. 1, p. 117-125, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4476045>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- BOOTH, A. D. Litterator. *Hermes*, v. 109, n. H.3, p. 371-378, 1981.
- BRASIL. Portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959. Dispõe sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Rio de Janeiro, Distrito Federal, 1959.
- BREEN, K. *Machines of the mind: personification in medieval literature*. Chicago: University of Chicago Press, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226776620.001.0001>
- BRONOWSKI, A. Rational empiricism: the stoics on reason, experience and katalepsis. *History of Philosophy & Logical Analysis*, v. 19, n. 1, p. 167-187, 2016. DOI: <https://doi.org/10.30965/26664275-01901011>
- CALLIPO, M. *Dionisio Trace e la tradizione grammaticale*. Roma: Bonanno, 2011.
- CARRUTHERS, M. *A técnica do pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- CASSIN, B. Logos. In: CASSIN *et al.* *Dictionary of untranslatables: a philosophical lexicon*. Princeton: Princeton University Press, 2014. p. 583.
- CESTARO, G. P. *Dante and the grammar of the nursing body*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2003.
- CHAPANSKI, G. *Uma tradução da Tékhnē Grammatikē, de Dionísio Trácio, para o português*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- CICERO, M. T. *Tusculanae disputationes*. Leipzig: Weidmann, 1850.
- CLARKE, M. L. *Higher education in the ancient world*. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.

- CLEAVER, L. Grammar and her children: learning to read in the art of the twelfth century. *Marginalia*, v. 9, 2009. Disponível em: <http://www.marginalia.co.uk/journal/09education/cleaver.php>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- CLEMENS ALEXANDRINUS. *Stromata*. Edition Otto Stählin, Ludwig Früchtel. Berlin: Akademie Verlag, 1970.
- COPELAND, R.; STRUCK, P. T. (ed.). *Cambridge Companion to Allegory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CRIBIORE, R. *Writing, teachers, and students in Graeco-Roman Egypt*. Atlanta: Scholars Press, 1996.
- CRIBIORE, R. *Gymnastics of the mind: Greek education in Hellenistic and Roman Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- DI BENEDETTO, V. Dionisio Trace e la Techne a lui attribuita. *Annali Della Scuola Normale Superiore Di Pisa. Lettere, Storia e Filosofia*, v. 27, n. 3-4, p. 169-210, 1958.
- DI BENEDETTO, V. Dionisio Trace e la Techne a lui attribuita (continuazione e fine). *Annali Della Scuola Normale Superiore Di Pisa. Lettere, Storia e Filosofia*, v. 28, n. 1-2, p. 87-118, 1959.
- DICKNEY, E. *Ancient Greek scholarship: a guide to finding, reading, and understanding scholia, commentaries, lexica, and grammatical treatises, from their beginnings to the Byzantine period*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- DIELS, H.; KRANZ, W. *Die fragmente der vorsokratiker*. Zürich-Hildesheim: Weidmann, 1989.
- DIHLE, A. Eratosthenes und andere Philologen. In: MOUSOPOLOS, S. *Festschrift für Herwig Görgemanns*. Heidelberg: Winter, 1998. p. 86-93.
- DIO CHRYSOSTOM. *Orationes*. Edição J. de Arnim. Disponível em: <http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0612.tlg001.perseus-grc1:36>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- [DIODORO SICULO] CALOGERO, M.; AGOSTINETTI, A. S. (ed.). *Biblioteca storica*. Milano: Rusconi, 1985.
- DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. Translation R. D. Hicks and Loeb Classical Library 184. Cambridge: Harvard University Press, 1925. v. I: books 1-5.
- DIOGENES LAERTIUS. *Diogenis Laertii Vitae Philosophorum*. Edition Miroslav Marcovich. Stuttgart, Leipzig: Teubner, 1999.
- DONAVIN, G. The Virgin Mary as Lady Grammar in the Medieval West. *Traditio*, Cambridge, v. 74, p. 279-305, 2019.
- DUNSHIRN, A. Logos, I. Antiquity. In: KIRCHHOFF, T. (ed.). *Online encyclopedia philosophy of nature/Online lexikon naturphilosophie*. Heidelberg: Heidelberg Universität, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11588/oePN.2021.2.83012>
- ESHLEMAN, K. "Then Our Symposium Becomes a Grammar School": Grammarians in Plutarch's "Table Talk". *Syllecta Classica*, v. 24, p. 145-171, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1353/syl.2013.0014>
- FREDE, M. The origins of traditional grammar. In: BUTTS, R. E.; HINTIKKA, J. (ed.). *Historical and philosophical dimensions of logic, methodology and philosophy of science*. Dordrecht: Springer, 1977. (The University of Western Ontario Series in Philosophy of Science, v. 12). DOI: [https://doi.org/10.1007/978-94-017-1780-9\\_4](https://doi.org/10.1007/978-94-017-1780-9_4)

- FREDE, M. The original notion of cause. In: FREDE, M. *Essays in ancient philosophy*. New York: Oxford University Press, 1987. p. 125-150.
- FREDE, M. Stoic epistemology. In: ALGRA, K. et al. *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 295-322.
- GAUNT, J. Nestor's cup and its reception. In: SLATER, N. W. (ed.). *Voice and voices in Antiquity*. Leiden: Brill, 2017.
- GEUS, K. *Eratosthenes von Kyrene: studien zur hellenistischen kultur und wirtschaftsgeschichte*. München, Leipzig: K. G. Saur, 2002.
- GOULD JR., J. B. Chrysippus: on the criteria for the truth of a conditional proposition. *Phronesis*, v. 12, n. 2, p. 152-161, 1967.
- GREEN, R.; EVANS, M.; BISCHOFF, C.; CURSCHMANN, M. (ed.). *The Hortus Deliciarum of Herrad of Hohenbourg (Landsberg, 1176-96): a reconstruction*. London: Warburg Institute; Leiden: E. J. Brill, 1979.
- HILGARD, A. *Scholia in Dionysii Thracis artem grammaticam* in GG vol. I.3. Leipzig: Teubner, 1901.
- [HIPÓCRATES]. JOLY, R.; BYL, S. (ed.). *Hippocratis De Diaeta/Hippocrate Du regime*. Berlin: Walter de Gruyter, 1984.
- HORACE. *Satires [Satyrae], Epistles [Epistolae] and Ars poetica*. With an English translation by H. Rushton Fairclough. Massachusetts: Harvard University Press, 1955.
- HUFFMAN, C. A. *Philolaus of Croton, Pythagorean and Presocratic: a commentary on the fragments and testimonia with interpretive essays*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- ILDEFONSE, F. Logos endiathetos e logos prophorikos. *Blityri: Studi di storia delle idee sui segni e le lingue*, v. 12, n. 1, p. 85-103, 2023. Disponível em: <https://hal.science/hal-04311783>. Acesso em: 30 dez. 2024.
- ISIDORE OF SEVILLE. *Etymologiarum sive Originum Libri XX*. Edited by W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1911. 2 v.
- JANZ, T. Greek Paleography from Antiquity to the Renaissance. Disponível em: <https://spotlight.vatlib.it/greek-paleography/feature/8-thirteenth-century-hands>. Acesso em: 26 dez. 2024.
- JOHANSEN, T. K. (ed.). *Productive knowledge in ancient philosophy: the concept of Technê*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781108641579>
- JOHN OF SALISBURY. *The Metalogicon of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the trivium*. Translated, with introduction and notes, by Daniel D. McGarry. Berkeley: University of California Press, 1955.
- JOYAL, M. Education in Greek and Roman Antiquity. In: RURY, J. L.; TAMURA, E. H. (ed.). *The Oxford handbook of the history of education*. Oxford: Oxford Handbooks, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199340033.013.5>
- KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium. The transformations of greek identity and the reception of the classical tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- KEIL, H. *Grammatici latini*. Lipsiae: Teubneri, 1857. (v. I).
- KIMBALL, B. *Orators and philosophers: a history of the ideal of liberal education*. New York: Teachers College Press, 1986.
- KOERNER, E. F. K. Models in linguistic historiography. In: KOERNER, E. F. K. (org.). *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 47-59.
- KOMOROWSKA, J. *Grammatikoi and grammatai: teachers of literature at Ammonius' table (Plut. QC, IX)*. *Classica Cracoviensia*, v. 18, p. 209-22, 2015. DOI: <https://doi.org/10.12797/CC.18.2015.18.12>
- IHM, S. *Clavis commentariorum der antiken medizinischen Texte*. Leiden-Boston Köln: Brill, 2002.
- LAES, C. School-teachers in the Roman Empire: a survey of the epigraphical evidence. *Acta Classica*, v. 50, p. 109-127, 2007. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24592469>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- LAW, V. *Auctoritas, consuetudo and ratio in St. Augustine's Ars grammatica*. In: LAW, V. *De Ortu Grammaticae: studies in medieval grammar and linguistic theory in memory of Jan Pinborg*. Edition Sten Ebbesen Bursill-Hall and E. F. K. Koerner. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. 1990. p. 191-208.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S.; MCKENZIE, R. *A Greek and English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- MANETTI, D. Galen and Hippocratic medicine: language and practice. In: GILL, C.; WHITMARSH, T.; WILKINS, J. *Galen and the world of knowledge*. Greek culture in the Roman world. Cambridge, UK, New York: Cambridge University Press, 2009.
- MANETTI, D. Medicine and exegesis. In: MONTANARI, F.; MATTHAIOS, S.; RENGAKOS, A. (ed.). *Brill's Companion to Ancient Greek Scholarship*. Leiden: Brill, 2015. p. 1126-1215.
- [MARCIANO CAPELA]. Marziano Capella; RAMELLI, I. (ed.) *Le nozze di Filologia e Mercurio*. Milão: Bompiani, 2004.
- MARGANNE, M. -H. Le médecin, la trousse et le livre dans le monde gréco-romain. In: CAPASSO, M. (org.). *Da Ercolano all'Egitto IV: ricerche varie di Papirologia*. Galatina: [S. n.], 2004. p. 117-130. (Papyrologica Lupiensia, 12).
- MARGANNE, M. -H. L'utilisation de l'encre rouge dans les papyrus littéraires grecs et latins. In: CAPASSO, M. et al. *Proceedings of the 29th International Congress of Papyrology*. [S. l.]: ESE Publications, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1285/i99788883051760p700>
- MÁRSICO, C. T. Revisión y renovación argumentativa en la gramática bizantina. *Faventia*, v. 32-33, p. 127-144, 2010-2011.
- MARTINHO, M. (2007). Dionísio da Trácia, Arte. *Letras Clássicas*, v. 11, p. 153-179, 2007.
- MATTHAIOS, S. Greek scholarship in the Imperial era and Late Antiquity. In: MONTANA, F. et al. *Brill's Companion to Ancient Greek Scholarship*. Leiden: Brill, 2015. p. 184-296.
- MELIADÒ, C. Un passo inedito dei Prolegomena Vaticana alla Techne di Dionisio Trace. *Seminari Romani di Cultura Greca*, n.s., v. II, n. 1, 2013, p. 159-186.

- MINNIS, A. *Medieval theory of authorship: Scholastic Literary Attitudes in the Later Middle Ages*. 2. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.
- MONTANA, F. Hellenistic scholarship. In: MONTANA, F. et al. *Brill's Companion to Ancient Greek Scholarship*. Leiden: Brill, 2015. p. 60-183.
- NAGY, G. The Library of Pergamon as a Classical Model. In: KOESTER, H. (ed.). *Pergamon: citadel of the gods*. Harrisburg: Trinity press International, 1998. p. 185-232.
- NASIOULA, M. Διονύσιος: the grammarian, the potter and the ghosts. *CHS Research Bulletin*, v. 5, 2017. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:hlnc.essay:NasioulaM.Dionysios>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- NAWAR, T. The stoic account of apprehension. *Philosophers' Imprint*, v. 14, p. 1-21, 2014.
- NETZ, R. *Ludic proof: Greek mathematics and the Alexandrian aesthetic*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- NÜNLIST, R. *The Ancient Critic at Work: terms and concepts of literary criticism in Greek Scholia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- PAGANI, L. La *Techne Grammatiké* attribuita a Dionisio Trace e la nascita della grammatica nell'antichità greca. *Rivista di filologia e di istruzione classica*, v. 138, n. 3-4, p. 390-409, 2010.
- PAGANI, L. Pioneers of grammar: Hellenistic Scholarship and the Study of Language. In: MONTANARI, F.; PAGANI, L. (eds.). *From Scholars to Scholia: chapters in the history of ancient Greek scholarship*. Berlin: De Gruyter, 2011. p. 17-64.
- PAGANI, L. Hellenismos tra filologia e grammatica: riflessioni antiche sulla correttezza della lingua. *Philologus*, v. 158, n. 2, p. 235-260, 2014. DOI: [https://doi.org/10.1163/9789004281929\\_015](https://doi.org/10.1163/9789004281929_015)
- [PLATO]. *Platonis Opera*. Edition John Burnet. Oxford: Oxford University Press. 1903. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0173%3Atext%3DPhileb.%3Asection%3D17b>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- PLUTARCH. *Moralia*. Tradução Gregorius N. Bernardakis. Leipzig: Teubner. 1892.
- PLUTARCH. *Moralia*. Translation P. A. Clement and H. B. Hoffleit. Cambridge: Harvard University Press, 1969. v. III. (Loeb Classical Library, n. 424).
- [PLUTARCO]. *Symposiaká (Quaestiones Convivales (Plut. Quaes. Conv. 8.2.1)*. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0311%3Abook%3D8%3Achapter%3D2%3Asection%3D1Plut.Quaes.Conv.8.2.1>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- POYNTON, J. B. Roman education. *Greece & Rome*, v. 4, n. 10, p. 1-2, 1934.
- PRENCIPE, V. Statuto epistemologico della "grammatica" nell'antichità greca. In: SWIGGERS, P.; WOUTERS, A. (ed.). *Grammatical theory and philosophy of language in Antiquity*. Leuven: Peeters, 2002. p. 23-69. V. 19.
- PREZOTTO, J. *Sexto Empírico: contra os gramáticos*. Introdução, tradução e notas. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- [QUINTILIANO]. A. RUSSELL, Q. (ed.). *The orator's education*, 1-2. Cambridge, London: Harvard University Press, 2001. (Loeb Classical Library 124).

- RECHENAUER, G. Enkyklios paideia. In: UEDING, G. (ed.). *Historisches Wörterbuch der Rhetorik*. Tübingen: Niemeyer, 1994. (v. 2). p. 1160-1185.
- [REMÍGIO DE AUXERRE]. LUTZ, C. E. (ed.). *Remigii Autissiodorensis commentum in Martianum Capellam*. Leiden: Brill, 1962.
- REMIGIUS DE AUXERRE. *Commentary on Marianus Capella's De nuptiis Philologiae et Mercurii*. Leiden University Libraries, Netherlands, ca. 841-908. [Texto em latim]. Domínio público. Disponível em: <https://www.library.universite-leiden.nl/>. Acesso em: 9 set. 2024.
- RICHTER, S. Poetics as field of knowledge. In: RICHTER, S. *A history of poetics: German scholarly aesthetics and poetics in international context, 1770-1960*. Berlin, New York: De Gruyter, 2010. p. 7-18.
- ROBINS, R. H. *The Byzantine grammarians: their place in history*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1993.
- ROUSSEAU, N. Ὅτι ἀλαζών ἐστι μάρτυς ἡ ἐτυμολογία: Galen on etymology, theory and practice. In: ZUCKER, A.; LE FEUVRE, C. *Ancient and medieval Greek etymology*. Theory and Practice I, Trends in Classics – Supplementary Volumes, 111. Berlin: De Gruyter, 2021. p. 125-176.
- SAFFREY, H. Ageōmetrētōs mēdeis eisitō: une inscription légendaire. *Revue des Études Grecques*, v. 81, p. 67-87, 1968. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/reg\\_0035-2039\\_1968\\_num\\_81\\_382\\_1195](https://www.persee.fr/doc/reg_0035-2039_1968_num_81_382_1195). Acesso em: 10 nov. 2024.
- SCHENKEVELD, D. M. Studies in the History of Ancient Linguistics IV. Developments in the study of ancient linguistics. *Mnemosyne*, v. 43, n. Fasc. 3/4, p. 289-306, 1990.
- SCOTT, D. *Recollection and experience: Plato's theory of learning and its successors*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- SEDLEY, D. Sextus Empiricus and the Atomist Criteria of Truth. *Elenchos*, v. 13, n. 1-2, p. 19-56, 1992.
- SEPPÄNEN, M. *Defining the art of grammar: Ancient perceptions of Γραμματική and grammatica*. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de Turku, Turku, 2014.
- SHOGRY, S. What do our impressions say? The stoic theory of perceptual content and belief formation. *Apeiron*, v. 52, n. 1, p. 29-63, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1515/apeiron-2018-0001>
- SHOGRY, S. The stoic appeal to expertise: Platonic echoes in the reply to indistinguishability. *Apeiron*, v. 54, n. 2, p. 129-159, 2021.
- SLUITER, I. Textual therapy: on the relationship between medicine and grammar in Galen. In: HOLMES, B.; KARDARAS, W. T. (ed.). *Medicine and the making of Roman society*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 209-230.
- STOK, F. La raffigurazione delle Arti liberali. In: SANTINI, C. (ed.). *Il linguaggio figurativo della Fontana Maggiore di Perugia*. Perugia: Calzetti Mariucci, 1996.
- SUETONIUS, C. *De grammaticis et rhetoribus libelli ex eiusdem opere de viris illustribus superstite*. Gissen: Io. Rickerum, 1854.
- SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44-45. p. 39-59, 2013.
- SWIGGERS, P. La historiografia de la gramática: técnica, modelización, estrategias y condicionamiento material. In: VAQUERA, M. L. C. et al. (org.). *Métodos y resultados actuales en historiografía de la lingüística*. Münster: Nodus, 2014. p. 722-731.

TATARKIEWICZ, W. Classification of arts in Antiquity. *Journal of the History of Ideas*, v. 24, n. 2, p. 231-240, 1963.

TEMPEST, K. Cicero's artes liberales and the Liberal Arts. *Ciceroniana On Line*, v. 4, n. 2, p. 479-500, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13135/2532-5353/5502>  
[TEODULFO DE ORLEANS]. De septem artibus liberalibus in quadam pictura depictis. In: DÜMMLER, E. (ed.). *Theodufi carmina*, Monumenta Germaniae Historica, Poetae Latini Medii Aevi. Berlim: Weidmannos, 1881. p. 437-445.

UHLIG, G., *Dionysii Thracis Ars Grammatica et Scholia in Dionysii Thracis artem grammaticam*. I. GG vol. I.1. Leipzig: Teubner, 1883.

[VARRÃO]. RITSCHL, F. (ed). De M. Terentii Varronis disciplinarum libris commentarius Friderici Ritschelii. Carl Georgi, 1845.

VITELLI, G. Indice de' codici greci Riccardiani, Magliabechiani e Marucelliani. *Studi Italiani di Filologia Classica*, v. 2, p. 471-570, 1894.

WEBSTER, C. *Tools and the organism: technology and the body in ancient Greek and Roman medicine*. Chicago: The University of Chicago Press, 2023. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226828787.001.0001>

YATES, F. A. *Art of memory*. New York: Routledge, 2013.